

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE BACABAL
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA

**AS LÓGICAS DO ENGAJAMENTO MILITANTE DE DIRIGENTES DO SINDICATO
DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DE BACABAL**

KELMA DE JESUS SILVA FERREIRA

Bacabal

2019

KELMA DE JESUS SILVA FERREIRA

**AS LÓGICAS DO ENGAJAMENTO MILITANTE DE DIRIGENTES DO SINDICATO
DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DE BACABAL**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas – Sociologia junto ao Campus de Bacabal da Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Dr. Wheriston Silva Neris

Bacabal

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

de Jesus Silva Ferreira, Kelma.

AS LÓGICAS DO ENGAJAMENTO MILITANTE DE DIRIGENTES DO SINDICATO DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DE BACABAL / Kelma de Jesus Silva Ferreira. - 2019.

94 p.

Orientador (a): Prof. Dr. Wheriston Silva Neris.
Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2019.

1. Bacabal. 2. Carreiras. 3. Engajamento militante. 4. Sindicato. I. Silva Neris, Wheriston. II. Título.

KELMA DE JESUS SILVA FERREIRA

**AS LÓGICAS DO ENGAJAMENTO MILITANTE DE DIRIGENTES DO SINDICATO
DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DE BACABAL**

Monografia apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas – Sociologia junto ao Campus de Bacabal da Universidade Federal do Maranhão.

Orientador: Dr. Wheriston Silva Neris

Aprovada em: / /

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Wheriston Silva Neris – (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Maria José Santos

Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Cealia Cristine dos Santos

Universidade Federal do Maranhão

Dedico primeiramente a Deus pelo dom da vida e a minha família e meu esposo. In memória de minha sogra Maria Izabel Ferreira, que foi muito importante durante todo meu processo de formação superior.

AGRADECIMENTOS

Ninguém chega a lugar nenhum só. Por isso, venho hoje aqui agradecer. Em primeiro lugar a Deus que me deu forças para suportar está caminhada e chegar hoje à conclusão desta etapa de minha vida.

Agradecer aos meus pais Sr. Antonio e Dona Nevinha, que não mediram esforços, para me proporcionar todas as condições necessárias à minha escolarização. Em especial, ao meu pai que sempre me impulsionou a concluir uma graduação, assim como fez também com meus outros irmãos. No entanto, somente eu dos quatro de seus filhos, consegui alcançar este feito. E apesar de não ter graduado em “doutora advogada” como era o sonho de meu pai. No entanto me graduarei em algo que acredito, que gosto, que sempre fui e sempre quis: em professora licenciada em ciências humanas-sociologia. É, isso mesmo, professora, aquela pessoa que todos vão dizer: ah tá, que legal! Mas, ganha pouco. Mas, eu não ligo. Não foi o que deu para fazer, foi o que eu quis fazer, sabe?

Então quero agradecer a todos os professores que me ensinaram e dizer que é um prazer ser professora. Não vou aqui descrever as imensas qualificações e adjetivos de um professor, pois, minha monografia não seria suficiente, muito menos a parte dos agradecimentos dela. Em especial, quero agradecer meu orientador Prof. Dr. Wheriston Neris e todo corpo docente e funcionários do setor administrativo, que sempre nos atendia com tanta presteza, aos vigias que resguardavam nossa segurança e as pessoas dos serviços gerais que mantinham os espaços sempre limpos e agradáveis para nossas atividades acadêmicas dentro desta universidade, que fizeram parte deste processo de transformação em minha vida.

Não poderia proceder nos meus agradecimentos sem externar aqui minha imensa gratidão a uma família de Grajaú, que depois de Deus foi a única responsável por minha entrada na universidade. Quando comecei a pensar o que fazer nesta parte da minha monografia foram às primeiras imagens que consegui me recordar, foi a de Sr. Antonio Carlos, Dona Régina, seu irmão Romário que foi quem me trouxe às pressas de Grajaú a Bacabal juntamente com a sua esposa a minha querida amiga Ariana. Para que eu pudesse a tempo fazer minha matrícula neste curso. Pois, não me encontrava na cidade e a viagem em tempo normal, nunca me

possibilitaria ter efetuado minha matrícula. Ou seja, nada teria sido sem eles, sem suas ajudas, do Romário, que veio “dirigindo como louco”, para chegar a tempo. E de Régina e Antonio Carlos que cederam seu carro sem custo algum para mim.

A meus irmãos que apesar de não conviverem comigo estes anos foram muitas vezes indispensáveis e suas palavras de incentivo, em especial ao Walter que sempre me disse palavras de consolo e força. Obrigado meus irmãos apesar da distância saibam que vocês também fazem parte desta vitória. As minhas sobrinhas Cristal, Sofia, Safira e Sofia Gabriela que pela alegria de seus sorrisos sempre me transmitiram força nas horas tristes e quando batia o desânimo. Gostaria de pedir desculpa, por não poder ter dado, mais atenção quando você Sofia queria vir passar uns dias com a tia/madrinha que estava sempre muito ocupada. Mas que um dia você vai entender que valeu a pena.

Agradecer meu esposo Fernando que me suportou e foi fundamental nestes últimos três meses de reta final da elaboração deste trabalho, assumindo muitas vezes sozinho as tarefas diárias da nossa casa e não reclamando das minhas faltas, demonstrou compreensão e companheirismo, me tolerando nas horas de estresse e crises de loucura que Deus sabe que não foram poucas.

A minha querida tia avó Lia que sempre, em todos os momentos apesar de sua idade avançada e de seus problemas de saúde cuidava de mim. Fazendo uma comidinha simples e gostosa e muitas vezes foi minha confidente, me ajudou financeiramente nos momentos em que a coisa estava braba. Não tenho palavras para expressar o quanto à senhora é importante para mim.

Um agradecimento mais que especial a minha querida sogra Izabel que nos últimos nove anos foi como uma mãe para mim sabe? Aquela mãe, amiga, companheira, que esta ali em todas as horas para apoiar, te corrigir e aconselhar. Pois é, era assim, muitas vezes me ajudou principalmente no começo deste curso líamos juntas ela me ajudava ditando os textos que escreveria a mão. Era quem mais me dava força e auxiliava nas digitações e leituras, e tem sido minha inspiração para conclusão desta jornada. Infelizmente não viveu para ver a conclusão dessa trajetória, falecendo em 2018, mas foi essencial em todo meu processo de graduação superior e sei que lá do céu, ela esta muito feliz por nossa vitória.

Aos meus queridos colegas de classe que foram cúmplices e compartilharam de perto comigo esta experiência inesquecível de minha história. Em especial a galera do “fundão”: Ildean, Adriano, Taty, Rubenil, Ana Paula, Cledson, Allain, Jadson, Raphael, Clara, Fortunata, Odair, sempre juntos em todas.

Minha eterna gratidão, ao PIBID responsável por minha formação, e minha manutenção nesta universidade. Pois, foi através de minha inserção neste projeto que pude vivenciar as mais valiosas experiências pedagógicas deste curso. Vivenciar a prática, o cotidiano e a realidade de minha futura carreira profissional na educação. E devo agradecimentos infinitos ao colégio Estado do Ceará e todo seu corpo docente e discente funcionários e afins. Local, que foi campo destas experiências durante quatro anos. Aos supervisores Otavio Galvão e Heliene Matos e ao coordenador deste subprojeto Clever Luís Fernandes.

A meu ministério de música Colo de Jesus por terem compreendido meu afastamento temporário do grupo da igreja devido, a produção deste trabalho, e que me dão força todos os dias com suas mensagens fofas de encorajamento, saibam que amo vocês.

Um agradecimento mais que especial ao Sindicato de Trabalhadores Trabalhadoras Rurais (STTR) de Bacabal, e funcionários que possibilitaram a coleta de dados coleta de dados para análise documental. À adorável Silvana que foi interlocutora de todas minhas ações dentro do sindicato, fornecendo todas as informações solicitadas, e que viabilizou e marcou a maior parte das entrevistas. Aos meus queridos entrevistados por terem aberto suas histórias ricas e lindas de vida demonstrando suas vivencias, suas experiências e suas lutas, aos dirigentes, ex-dirigentes, ex-funcionários que através de suas entrevistas, foram essenciais para reconstrução da história deste sindicato e compreensão das logicas de engajamento militante investigada neste trabalho.

Em fim devo encerrar meus agradecimentos aqui dizendo obrigado mais uma vez a Deus por ter posto em minha vida pessoas tão maravilhosas, e especiais e que até em seus mínimos atos, me apoiaram e foram, meu braço direito nesta trajetória.

[...] E fez o criador a natureza
Fez os campos e florestas
Fez os bichos, fez o mar
Fez por fim, então, a rebeldia
Que nos dá a garantia
Que nos leva a lutar
Pela terra, terra
[...] Mas apesar de tudo isso
O latifúndio é feito um inço
Que precisa acabar
Romper as cercas da ignorância
Que produz a intolerância
Terra é de quem plantar
À terra, terra ...

(Pedro Munhoz - Canção da Terra)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as lógicas do engajamento militante no Médio Mearim maranhense, com foco sobre as carreiras e percepções subjetivas de lideranças do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Bacabal (STTR). Metodologicamente a pesquisa baseou-se na exploração bibliográfica e documental, bem como na realização de entrevistas com 9 (nove) agentes sociais que assumiram posições de liderança no Sindicato ao longo de sua história.

Por meio desse recurso, procuramos apreender os cruzamentos entre história individual e institucional, por meio da apreensão das condições de socialização, das redes de incitação à participação na causa, do universo relacional anterior e posterior à entrada no Sindicato e dos efeitos e avaliações subjetivas desse processo. Assim, além de reconstituirmos parte da história da constituição da região, marcada fortemente por deslocamentos migratórios, pelo contexto de conflitos no campo desde a década de 1970 e os caminhos variáveis da institucionalização do sindicato ao longo da conjuntura histórico-política em pauta, procuramos demarcar através de duas trajetórias exemplares: a de Inaldo Nascimento e José Chateo Briam justificando esta escolha pela relevante importância de suas atuações na história do movimento sindical, em Bacabal, e também na região do Médio Mearim. Visando compreender os caminhos e lógicas diversas que intervêm para promover a adesão a uma causa e o gosto pelo engajamento. Se, por um lado, a pesquisa atesta o que vem sendo demonstrado em diversas pesquisas recentes quanto aos móveis diversos que produzem o engajamento, por outro, demonstra o quanto no contexto examinado a Igreja e as redes familiares demarcam-se como principais matrizes de apoio à participação política e de politização da vida social. Para isso, recorreremos a vários autores como: Sawicki; Siméant (2011), Moreno; Almeida (2009), Petrarca (2016), Petrarca; Ribeiro (2015), Seidl (2009; 2008), Silva; Ruskowski (2016), Matonti; Poupeau (2004), Goirand, (2009) dentre outros.

Palavras-chave: Engajamento militante; Carreiras; Sindicato; Bacabal.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the logics of militant engagement in the Middle Mearim of Maranhão, focusing on the careers and subjective perceptions of leaderships of the Union of Rural Workers and Workers of Bacabal (STTR). Methodologically, the research was based on bibliographical and documentary exploration, as well as interviews with 9 (nine) social agents who assumed positions of leadership in the Union throughout its history. Through this resource, we try to understand the intersections between individual and institutional history, through the apprehension of the conditions of socialization, the networks of incitement to participation in the cause, of the relational universe before and after joining the Union, and of the subjective effects and evaluations of this process. . Thus, in addition to reconstituting part of the history of the region's constitution, strongly marked by migratory displacement, the context of conflicts in the countryside since the 1970s, and the varying ways of institutionalization of the union throughout the historical-political conjuncture in question, we seek to demarcate through two exemplary trajectories: that of Inaldo Nascimento and José Chateo Briam justifying this choice for the relevant importance of their actions in the history of the trade union movement, in Bacabal, and also in the region of the Middle Mearim. Aiming to understand the different ways and logic that intervenes to promote adherence to a cause and the taste for engagement. If, on the one hand, the research attests to what has been shown in several recent research on the diverse furniture that engages in engagement, on the other, it demonstrates how much in the context examined the Church and family networks are marked as the main support matrices. political participation and politicization of social life. For this, we resort to several authors such as: Sawicki; Siméant (2011), Moreno; Almeida (2009), Petrarca (2016), Petrarca; Ribeiro (2015), Seidl (2009; 2008), Silva; Ruskowski (2016), Matonti; Poupeau (2004), Goirand, (2009).

Keywords: Militant Engagement; Careers; Syndicate; Bacabal.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACR Animação dos Cristãos no Meio Rural

ARENA Aliança Renovadora Nacional

ASSUMEM Associação dos Sindicatos Unidos do Médio Mearim

CEBs Comunidades Eclesiais de Base

CFTC Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristãos

CONASA Colégio de Nossa Senhora dos Anjos

CONTAG Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CPT Comissão Pastoral da Terra

FETAEMA Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura do Estado do Maranhão

FUNRURAL Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural

MOBRAL Movimento Brasileiro de Alfabetização

MTPS Ministério do Trabalho e Previdência Social

PAA Programa de Aquisição de Alimentos

PCB Partido Comunista Brasileiro

PIBID Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PNAE Programa Nacional de Alimentação Escolar

PSP Partido Social Progressista

PTB Partido Trabalhista Brasileiro

SINCOL Sociedade Indústria e Comércio Ltda

STTR Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

UDN União Democrática Nacional

UDR União Democrática Ruralista.

ULTAB₁ União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil

ULTAB₂ União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Bacabal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. ENGAJAMENTOS MILITANTES: ANÁLISE DAS LÓGICAS INDIVIDUAIS.....	20
1.1 Aspectos Conceituais Sobre as Lógicas de Engajamento Individual: concepções de engajamento militante.	20
2. SURGIMENTO DO STTR DE BACABAL: CONFIGURAÇÕES HISTÓRICAS DO MÉDIO MEARIM.	32
2.1 A influência das migrações na formação demográfica de Bacabal: nasce a “Princesa do Mearim”	33
2.2 Narrativas de surgimento do movimento sindical no Brasil: ATAM nasce movimento sindical no Maranhão.....	39
2.3 O movimento sindical chega a Bacabal: “mobilização e difusão do movimento no Médio Mearim”	44
2.4 Bacabal se destaca com presença de lideranças a frente do movimento sindical rural no Maranhão.....	46
2.5 O retorno das atividades sindicais em Bacabal e o retrocesso do movimento....	48
2.6 STTR de Bacabal: um “novo tempo”, mudança ideológica, a atuação decisiva da igreja e os conflitos.....	54
2.7 Os conflitos agrários mais conhecidos de Bacabal: Aldeia e Luziana	59
3. ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS: ENGAJAMENTOS IMPROVÁVEIS E VOCAÇÃO	62
3.1 Primeiro caso: engajamento por envolvimento com igreja.	64
3.2 Segundo caso: engajamento influenciado pelo pai.	69
CONCLUSÃO.....	76
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as lógicas do engajamento militante no Médio Mearim maranhense, com foco sobre as carreiras e percepções subjetivas de lideranças do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Bacabal (STTR). Metodologicamente a pesquisa baseou-se na exploração bibliográfica e documental, bem como na realização de entrevistas com 9 (nove) agentes sociais que assumiram posições de liderança no Sindicato ao longo de sua história.

ENTREVISTADOS	SEXO	ESCOLARIDADE	FUNÇÃO OU CARGO EXERCIDO
José Chateo Briam	Masculino	Fundamental incompleto	Secretário de Formação e Organização Sindical da FETAEMA (atualmente)
Inaldo Nascimento da Silva	Masculino	Fundamental completo	Secretario de Finanças(atualmente)
Silvana Morais de Oliveira	Feminino	Ensino Médio completo	Secretaria Geral e de jovens(atualmente)
Gelza Sousa Mendes	Feminino	Fundamental incompleto	Secretaria de Mulheres e Formação Sindical (atualmente)
Francisco Paulo	Masculino	Fundamental incompleto	Secretaria de Assuntos Agrários, Agrícolas e Meio Ambiente (atualmente)
Antonio Carlos Araújo	Masculino	Fundamental completo	Presidente (atualmente)
Margarida Silva Sousa	Feminino	Ensino médio completo	Secretária de Políticas Sociais (atualmente)
Raimundo Moreira Lima	Masculino	Fundamental incompleto	Ex- dirigente do sindicato (já exerceu cargos de diretoria em gestões passadas). Somente membro
Rosineide Reis Dias	Feminino	Ensino médio completo e técnica contabilidade	Ex-funcionária do sindicato de 1977 ate 2010. Aposentada atualmente

Tabela de entrevistados.

Por meio desse recurso, procuramos apreender os cruzamentos entre história individual e institucional, através da apreensão das condições de socialização, das redes de incitação à participação na causa, do universo relacional anterior e posterior à entrada no Sindicato e dos efeitos e avaliações subjetivas

desse processo. O ponto de partida desse trabalho deriva da concepção de que o engajamento militante resulta tanto de “distintos processos de socialização familiar, escolar, religiosa, no trabalho, etc. que, associados a percursos de vida – experiências sociais, políticas e profissionais”, quanto dos aprendizados decorrentes da “participação em organizações e movimentos sociais [os quais] podem produzir efetiva ação de engajamento” (BRENNER, 2018, p. 240).

Este desafio foi sugerido inicialmente pelo meu orientador, Professor Dr. Wheriston Silva Neris, como parte de uma pesquisa mais ampla ainda em curso sobre as lógicas de engajamento associativo no Médio Mearim maranhense (NERIS, 2015). Frente ao convite, e tendo em vista as facilidades de contato, optei por pesquisar a respeito do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Bacabal (STTR), focalizando as carreiras militantes de suas lideranças atuais e passadas. As questões iniciais de pesquisa e que conduziram à produção dos dados concerniam aos modelos de aderência individual, às ações de representação coletiva, os fundamentos do interesse, expectativas, espécies de recompensa/retribuição e as diferentes fases do engajamento destas carreiras militantes.

Cabe ressaltar que o Professor Dr. Wheriston Silva Neris foi também professor da disciplina *Pensamento Social Brasileiro*, e da disciplina *Epistemologia das Ciências Sociais*, nas quais tive a oportunidade de aprimorar ainda mais meus conhecimentos, principalmente no que diz respeito à atitude de sociólogo, do pesquisador e sobre os trabalhos empíricos. Tivemos uma empatia de ideias e de interesses de pesquisa, principalmente após a disciplina de *Seminário de Trabalho Final de Curso I*, e então o convidei a ser meu orientador.

O rumo que esta pesquisa tomou foi determinado por uma pesquisa realizada em formato de entrevista com questionário que analisou a vida dos militantes e suas carreiras e que interrogava a motivação que os levou ao engajamento profissional na defesa de causas coletivas. Parte principal dos materiais empíricos deriva, por conseguinte, das percepções subjetivas desses agentes e da maneira como avaliam reflexivamente os móveis de sua ação militante.

Iniciei minhas atividades com investigações nos ambientes desta entidade com a coleta de informações e, entrevistas com sua atual gestão. Paralelamente tive também a oportunidade de entrevistar militantes destacados da instituição que atualmente não exercem mais funções na direção do sindicato, mas que no entanto

possui grande respeito por parte dos membros, e também dos diretores do sindicato. Apesar disso da inexistência de vínculos oficiais com o STTR, no entanto, esses ex-dirigentes permanecem ligados por vínculos pessoais com membros atuantes do sindicato, mantendo ainda ascendência sobre as decisões tomadas. Alguns deles, inclusive, exercem o papel de conselheiros, a exemplo de Antonio Moreira Lima, como será exposto mais adiante. Porém, é importante ressaltar nesse momento, e assinalar a existência de um espaço de militância que transcende os próprios quadros da instituição analisada, e pelo qual circulam informações, modelos, referências e formas de incentivo para engajamento nesta e em outras causas. Obviamente, esse mesmo espaço é perpassado por conflitos, modalidades de disputa e choques de interesses, cujas matrizes são muitíssimo diversificadas.

Com efeito, este trabalho tem também irá discutir, os resultados da pesquisa de campo desenvolvida no âmbito do STTR de Bacabal, enfocando o processo de inserção na militância, neste movimento vinculado a uma causa social específica, a defesa dos interesses dos trabalhadores rurais. Se propusemos então pela reconstituição da história dessa organização por meio das histórias de vida e carreiras de seus dirigentes, é por que concebemos que a história do Sindicato é inseparável das trajetórias de seus militantes, ou seja, daqueles que deram corpo à instituição e encarnaram sua face concreta em uma conjuntura historicamente determinada. Desse ângulo, a compreensão das lógicas individuais de engajamento, dos condicionantes derivados das socializações passadas e das experiências e iniciativas acionadas nos diferentes contextos de ação assumem relevância como modo de apreensão dos processos de institucionalização e das reconfigurações sucessivas de um organismo cuja história é indissociável das escolhas, ações e desafios enfrentados por seus representantes.

Ante o exposto, convém ainda tecer algumas considerações a respeito dos encaminhamentos concretos da pesquisa. Como ressaltado desde o início, o ambiente escolhido para realização de minha pesquisa monográfica foi um espaço de representação dos indivíduos trabalhadores e trabalhadoras rurais de Bacabal no Maranhão, espaço esse legitimamente reconhecido pelos órgãos competentes e que possui uma antiga história de lutas e conquistas nessa causa. Meus empenhos de pesquisa sempre passaram por considerar a origem, a história, a reconstituição dos fatos, o porquê das circunstâncias atuais, o que, em certa medida, ia ao encontro de pesquisas que havia feito sobre outra instituição aqui da região sobre a escola

¹(Estado do Ceará). Recorrendo à crescente bibliografia sobre o engajamento militante dentro e fora do Brasil/Maranhão, desloquei minha atenção para o processo de formação estrutural e política do STTR de Bacabal, com foco sobre uma abordagem mais micrológica.

É dessa perspectiva que se pode compreender como o objetivo maior desta pesquisa foi se estruturando em torno do questionamento aparentemente simplório a respeito das razões que levam as pessoas a engajar-se e permanecer em uma causa, assumindo as retribuições, sim! Mas, também os elevados custos da militância. Como explicar o fato de que algumas pessoas desenvolvem ou adquirem disposições para intervenção crítica e para a mobilização coletiva, ao passo que outras preferem manterem-se passivos quando se trata de lutar por interesses que são comuns? Ora, ao colocar sob questionamento o processo de aquisição dessas competências, somos levados a investigar sobre o passado dos sujeitos entrevistados, sua educação familiar, seus modelos de militância, a entrada efetiva em uma causa ou ação, o seu envolvimento pessoal, afetivo e/ou familiar com agentes engajados... Enfim, toda uma série de fatores que ajudam a explicar de uma perspectiva sociológica aquilo que pode socialmente ser visto como posse ou ausência de coragem, desejo ou vocação. Recusa-se aqui, portanto, o recurso aos argumentos simplistas eivados pela ideia de predestinação, dom ou vocação, por que se considera que eles não constituem o ponto de partida, mas o ponto de chegada de um processo que deve ser compreendido com as ferramentas e recursos oriundos do patrimônio das Ciências Sociais.

De um ângulo pessoal, seria preciso reconhecer que minhas primeiras intenções de pesquisa e até mesmo o início da coleta de produção de dados eram alimentadas por um interesse investigativo e minha curiosidade renitente sobre a origem das coisas. Porém, na proporção mesma em que fui conhecendo as produções escritas, materiais como fotos, e principalmente na própria realização das entrevistas, fui me dando conta de que existia uma profunda ligação entre essas histórias e a minha própria trajetória individual.

¹ Trata-se de um trabalho realizado em 2014 a respeito da reconstituição histórica de uma escola estadual do município de Bacabal no Maranhão. Para mais detalhes consultar: SILVA, Kelma de Jesus. A experiência de rememorar a história de uma escola: “Jubileu de Ouro do Centro de Ensino Estado do Ceará”. In: XII JORNADA DO HISTEDBR E X SEMINÁRIO DE DEZEMBRO, 2014, Caxias - MA. Anais. Caxias – MA: Centro de Estudos Superiores de Caxias, 2014. p. 2275 a 2285.

Sinteticamente, por muito tempo fui vítima desta grave falha, da redistribuição de terras e habitação do Brasil, que é, senão o maior, mas, um dos principais agentes da miséria, da violência, da desigualdade e de todas as mazelas que assolam esta nação. Quando morei na Microrregião de Aglomeração Urbana de São Luís, mais exatamente no município de São José de Ribamar, em um local que as pessoas denominavam como “lá na invasão” (ocupação indevida de terras improdutivas privadas ou da União) localizada aos arredores do bairro da Cidade Operária mais precisamente chamado Vila J. Lima, senti em minha própria pele as angústias decorrentes dessa situação social. Assim, ao ouvir parte das histórias de luta e de acontecimentos importantes para os sujeitos entrevistados, recordei das dificuldades e enfrentamentos que pude vivenciar em minha história de vida enquanto moradora de uma invasão e vítima do desamparo social resultante desta situação.

Em certa medida, é intrigante constatar que nada me levava, a princípio, a fazer esta amarração. No entanto, depois de escutar algumas histórias me lembrei do medo que eu tinha quando lá vivia. Medo da reintegração de posse, da falta de infraestrutura, dos alagamentos que vi muitas vezes em minha rua e nas outras ruas, das gambiarras de energia, da falta de água, que até hoje, quase 30 anos depois de fundação deste bairro, ainda sofre com esses e outros problemas estruturais. Vi meu pai ter que empreender a perfuração de um poço para que tivéssemos água e pudéssemos distribuir para os vizinhos e ter que, juntamente com outros moradores da invasão, fazer a distribuição de energia por meios de ²gambiarras das outras ruas que se aproximavam da invasão, para termos energia elétrica.

Quando ouvi alguns de meus entrevistados contando suas histórias fui muitas vezes levada a meu passado pelas lembranças. Assistíamos muitas invasões serem desmanchadas em localidades próximas. As reportagens da época mostravam então a invasão da Cidade Olímpica levantando todo tipo de categorizações morais negativas. E, pessoalmente, mesmo alguns anos depois de estar morando lá, eu tinha medo, pois, o que me amedrontava até então era, o efeito e a repercussão que este nome de “invasão” da J Lima causava, pois era assim, que

² Gambiarras é uma maneira paliativa e criativa, é o ato de constituir uma solução improvisada, para resolver o problema da falta de redistribuição de energia elétrica.

se referiam aos locais onde ocorriam desocupações e as ações violentas de reintegração da época. No entanto, parecia que essas lembranças estavam adormecidas em minha memória e agora vivificadas por esta pesquisa.

Portanto, minha inclinação a este tema foi no primeiro momento, posso confessar que por um interesse, que sempre tive em pesquisar histórias, rememorar o passado, assim como fiz durante minha graduação, em uma instituição educacional deste município o Centro de Ensino Estado do Ceará (SILVA, 2014). Encanta-me, recontar histórias, saber das origens, dos porquês. E nesta pesquisa, assim também provocada a fazer uma exploração da história de militantes políticos, de buscar entender através da investigação de suas origens familiares, de sua socialização. Como se dá o processo de inserção na militância? O que leva alguém a seguir sua vida lutando por uma causa específica? Quais os custos e retribuições específicas derivadas da militância?

Para empreender a discussão dessa problemática, optamos por estruturar a presente monografia em três capítulos. No primeiro capítulo, farei uma exposição dos objetivos deste trabalho e as metodologias de pesquisa. Além de, realizar a discussão das bases teóricas da pesquisa buscando demonstrar qual a relevância de discussão deste tema, o que tem sido produzido em torno das pesquisas sobre inserção nos movimentos sociais, quais os principais enfoques das temáticas, quais são os autores que trabalham nesta área e o que se tem de publicações sobre militância e carreira militantes.

No segundo capítulo será apresentada a história da instituição considerando a conjuntura histórica dos processos migratórios no Médio Mearim. Para isso, a adequada reconstituição do contexto de surgimento dos primeiros conflitos agrários, no auge do desenvolvimento da cidade, é tomada como essencial para entender a origem e necessidade do sindicato, como entidade de representação dos direitos dos trabalhadores rurais. Recorrendo a todo material coletado, nos arquivos do sindicato e que foram cedidos gentilmente por eles, farei também um apanhado das falas dos entrevistados que compõem a memória oral desta instituição, sendo eles personagens deste enredo.

No terceiro e último capítulo farei a exposição mais propriamente dita das trajetórias dos militantes selecionando duas narrativas de vida de agentes destacados pelo engajamento nessa causa, no recorte em pauta. Também farei uma comparação de como se dá o processo de engajamento dos militantes do passado e

dos mais jovens para verificar brevemente quais as diferenças entre as lógicas individuais de engajamento.

E então, através deste trabalho de pesquisa demonstrar como ocorrem o processo de inserção na militância e as intersecções entre as histórias individual e institucional, por meio da análise das condições de socialização, de engajamento, da rede de influenciadores destes sujeitos: os militantes.

1. ENGAJAMENTOS MILITANTES: ANÁLISE DAS LÓGICAS INDIVIDUAIS.

O objetivo deste capítulo é fazer um breve balanço sobre a produção teórica concernente à temática do engajamento militante. Para tanto, recorreremos a diversos autores que têm apresentado as vantagens das abordagens adotadas aqui, e também a complexidade do próprio processo de pesquisa são eles: Sawicki; Siméant (2011), Moreno; Almeida (2009), Petrarca (2016), Petrarca; Ribeiro (2015), Seidl (2009; 2008), Silva; Ruskowski (2016), Matonti; Poupeau (2004), Goirand, (2009).

1.1 Aspectos Conceituais Sobre as Lógicas de Engajamento Individual: concepções de engajamento militante.

Neste trabalho irei fazer um resumo histórico de como se dá a formação do STTR de Bacabal, considerando conjecturas políticas e os fatos mais relevantes ocorridos desde sua fundação até os dias atuais. Iremos correlacionar a situação política vivida no país desde as décadas de 60 quando surgem as primeiras representações desta classe de trabalhadores no Brasil, em contraste com o que ocorria em Bacabal-MA e suas influências no surgimento dos sindicatos no país. Dando conta do contexto histórico, da criação do sindicato, suas principais lutas, e o mais importante de tudo: quais caminhos que levam um indivíduo a militância neste caso a luta pelo movimento de trabalhadores rurais.

No entanto, estabelecendo certo distanciamento da pesquisa, na avaliação e registro de dados e constatações é indispensável à ruptura de minhas pré-noções ou julgamentos particulares. Interessante ressaltar que todos os entrevistados foram livremente arguidos e tudo que anteposto nesta pesquisa parte de um paralelo entre o embasamento teórico e a transcrição fiel de suas falas e tão somente a interpretação de suas entrevistas.

Visto que o período de surgimento desta instituição se dá num contexto conturbado em todo país, que passa pela ditadura militar, farei comparações das trajetórias de surgimento deste movimento de militância de trabalhadores rurais, e das causas que levam os indivíduos a adentrarem neste universo. Ponderando os elementos de sedução destas empreitadas militantes se elas existem ou se são

apenas meras justificativas que os estudos menos aprofundados podem apontar como motivação para o comprometimento de muitos militantes nestas políticas de mobilização pela causa dos trabalhadores rurais de Bacabal, mais especificamente neste caso.

Trazendo uma discussão pertinente a esta pesquisa no que concerne à sociologia do engajamento, verificamos que vem aumentando nos últimos 20 anos o interesse por essa temática na França. Em boa medida a presente pesquisa tem suas bases nessa crescente produção bibliográfica, a qual tendeu a considerar que essas lógicas de engajamento individual eram fortemente determinadas pelas origens familiares, experiências de socialização destes indivíduos, seus envolvimento com outros movimentos e redes de relações, círculos familiares, entre outros. Sobre isso:

A psicossocióloga Molly Andrews (1991), que coletou e analisou a biografia de militantes socialistas britânicos que atuaram dos anos 1930 até os anos 1980, sem nunca parar, identifica três influências maiores na formação da consciência política dessas pessoas: os estímulos intelectuais (obras, filmes, educação informal), o papel de organizações bastante visíveis (organizações de jovens, sindicatos...) e o de indivíduos reconhecíveis. A experiência vivenciada como membro da classe operária não basta para compreender o engajamento. Pouco afeitos à leitura de obras políticas, os jovens operários foram, em um primeiro momento, muito influenciados por suas relações com militantes. Por intermédio desses indivíduos, esses jovens foram levados a ler (geralmente a imprensa política e sindical) e a elaborar suas próprias justificativas para agir, ousando assistir à sua primeira reunião pública (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 213).

É embasado nessas perspectivas epistemológicas que buscamos entender as características, os recursos sociais e habilidades adquiridas no decorrer de suas trajetórias de engajamento, suas conquistas, e responsabilidades, o papel que assumem em determinado órgão associativo, seus envolvimento políticos partidários ou não, ou seja, a principal estratégia de investigação aqui proposta baseia-se sobre a tentativa de explicar o processo de interiorização das disposições à ação coletiva recorrendo tanto a abordagens objetivistas e disposicionalistas, quanto a análise das dimensões subjetivas dos relatos dos militantes, isto é, das percepções e representações dos indivíduos sobre sua essência e sobre o sentido de suas ações (FILLIEULLE, 2001).

Ousando apreender o peso dos laços sociais, de suas redes de relacionamento, e de retribuição, se são intencionais ou contrafeitos (PETRARCA,

2016). Buscando identificar através da captura das logicas individuais de engajamento e seus esquemas de percepção, verificamos como ocorrem seus investimentos nas instituições, pois, muitas vezes os próprios entrevistados atribuíam suas participações no ativismo, extraordinária e simplesmente pela indicação de alguém ou por uma mera vocação. Neste contexto aponta:

Em um estudo recente sobre a adesão sindical à CFTC, confirmamos o papel central dos colegas sindicalizados no processo de adesão e, em menor medida, o papel dos familiares e amigos, que representam ora “modelos”, ora “padrinhos” numa socialização que funciona mais por impregnação e identificação do que por inculcação de mensagens e de valores explícitos (Duriez e Sawicki, 2003). Mesmo abrindo espaço para os acasos biográficos, essa abordagem confirma a continuidade entre sociabilidade informal e formal e a raridade dos engajamentos espontâneos após campanhas voluntaristas de adesão por meio do correio ou da mídia (SAWICKI; SIMÉANT, 2011 pag. 214).

A noção de engajamento aqui traçada faz um paralelo entre o modelo aparentemente “natural” de engajamento militante e outros apresentados, como é o que parece ser uma espécie de engajamento improvável, dando exemplos de indivíduos e destacando que este contraste dá abertura para que se possa flexibilizar o entendimento das diversas formas de engajamento militante. No entanto, o que pode transparecer uma discordância arrogante trata-se apenas de uma tentativa de restabelecer nova ordem sobre uma conceituação do que é, e como ocorre o engajamento militante. Trata-se aí de uma espécie de disfarce para uma desconsideração das máximas construídas no âmbito das Ciências Sociais sobre possíveis disposições naturais ou vocacionados a carreira militante.

Independentemente, disto Matonti e Poupeau (2004) afirmam que o cenário de disputas sociais mudou havendo hoje uma renovação de causas e mobilizações das mais diversas. Trata ainda de uma efervescência de estudos que por um tempo ficaram estagnados, mas que adquiriram novo vigor no âmbito da sociologia política. Assim como as discussões sobre elites políticas ou movimentos sociais, dentre outros, o campo da literatura sobre o engajamento militante tem se expandido, novos modelos teóricos têm sido explorados. E as limitações temáticas anteriores vêm sendo deixadas de lado, por uma tendência de ampliação do campo de observação e das instituições e agentes suscetíveis de ser investigados nesses marcos conceituais.

Como bem demonstrado por Silva e Ruskowski (2016), o surgimento de novas bases de análises e de teorias explicativas no campo das Ciências Sociais não deve levar à crença equivocada de que determinados modelos explicativos poderiam ser aplicados indistintamente, como se fossem leis gerais, o que deixaria de lado todo o trabalho necessário de exploração empírica e de produção de análises a partir do contexto concreto de investigação. Talvez precisamente por essa razão os autores tenham como meta criar um modelo explicativo das formas de engajamento militante em uma perspectiva realista de argumentação verificando por meio da pesquisa como ocorrem estes processos de inserção na militância (SILVA; RUSKOWSKI, 2016).

Como visto no seminal trabalho de Olivier Fillieule (2009) a noção de “carreira militante” remete diretamente à corrente sociológica do Interacionismo simbólico da Escola de Chicago, o que requer algumas considerações. A começar pelo fato de que para essa corrente teórica os indivíduos atuam sobre a base de significado atribuído aos objetos e situações que os rodeiam, ou seja, dependendo do ambiente em que interagem, e das pessoas com quem se relacionam, podem assumir variados comportamentos e até mesmo identidades. A nossa comunicação, os papéis que desempenhamos e as imagens que projetamos de nós mesmos é diferenciada dependendo dos locais onde atuamos e com quem nos relacionamos. Os indivíduos dão significado ao mundo, baseado no diálogo estabelecido com outros atores, variando de comportamento conforme os cenários em questão e os atores com os quais se interage. Sobre as lógicas do interacionismo simbólico de Erving Goffman – sem dúvida, o seu teórico mais reconhecido - não é exagero afirmar que os indivíduos atuam na vida como se fosse um grande palco onde as pessoas encenam algum papel a todo tempo.

Para compreender este processo (FILLIEULE, 2009, p. 86):

³Appréhender les processus et la dialectique permanente entre histoire individuelle, institution et contextes exhibe le produit concret de ce que les acteurs font en étant faits. Cette approche permet de reconstruire une succession de phases, de changements de comportements et de perspectives de l'individu .

³ Tradução: Apreender os processos e a dialética permanente entre a história, a instituição e os contextos individuais mostra o produto concreto do que os atores estão fazendo. Esta abordagem permite reconstruir uma sucessão de fases, mudanças de comportamento e perspectivas do indivíduo.

Ainda sobre o interacionismo simbólico, em suma, trata-se de uma possibilidade de analisar a comunicação na vida cotidiana buscando compreender como os espaços físicos e as pessoas podem determinar o nosso comportamento. A base de sua compreensão se dá em entender que os seres humanos se comunicam entre si emitindo informações deliberada ou inconscientemente. Sobre isso pode-se concluir que:

Nesse sentido, é uma sequência de eventos, situações e fatos que produzem um determinado resultado e criam possibilidades de ação, colocando em jogo as experiências acumuladas dos atores, permitindo o acionamento de determinadas competências e mobilização das redes de relações. Estas situações (eventos, contextos, espaços de interação) permitem conectar os atores, tornando possível o acionamento das redes de relações e a mobilização de conhecimentos. (PETRARCA; RIBEIRO, 2015, p.172).

No entanto alguns trabalhos dão conta de que: [...] é necessário ainda considerar o peso que exerce a mediação de conhecidos, parentes, amigos, que funcionam como intermediários fundamentais para garantir a entrada e a permanência no espaço de mobilização (SAWICKI & SIMEANT, 2011; PASSY & GIUNE, 2001; PASSY, 1998; OLIVEIRA, 2010). “é importante que se considere a posição que a pessoa ocupa nessa rede de relações, pois é dela que resultarão convites, indicações e até mesmo as motivações necessárias para a entrada na causa” (PETRARCA; RIBEIRO, 2015, p.172).

É interessante considerar a influência das redes de relacionamento especialmente as redes informais, engendrados pelos laços familiares, de amizade, pessoas do ambiente de trabalho. Desse modo, segundo Petrarca (2016), isso pode nortear nossas conclusões para entender quais são os facilitadores, como ocorre e através de quem ocorre o recrutamento. De acordo com ela a mesma autora, com base em Passy; Giugni (2001), estas redes de influenciadores ou recrutadores contribuem decisivamente para intensidade do ativismo, assumindo funções como inclusão, ambientação e decisão de entrar na militância.

Assim também ocorre com os militantes que, dentro do cenário das mobilizações e movimentos sociais, têm que assumir determinada função, no contexto da sua inserção e engajamento. Mesmo que naturalmente não tenha obtido ou pense não ter contraído - de alguém ou algo -, elementos para assumir a forma como se comunicam e realizam este processo de comunicação interpessoal, estão enraizados no seu íntimo, múltiplos condicionantes como: os cenários; fatores da

comunicação verbal ou não verbal, os padrões estabelecidos (MATONTI; POUPEAU, 2004).

Nos estudos existentes sobre as disposições ao ativismo e sobre militância, ainda a muito no que se avançar e considerar sobre as trajetórias e as lógicas de engajamento individual dos militantes, pois este interesse se mostra muito recente e pouco explorado. Portanto, esta pesquisa seria um ponto de partida e incentivo para outros empreendimentos neste seguimento em Bacabal e Região do Médio Mearim. Visto que, isto já vem ocorrendo com incentivo do Professor Dr. Wheriston Neris e assinalado noutro ⁴trabalho orientado por ele: “Tal trabalho toma como base uma pesquisa mais ampla, que trata sobre as lógicas do engajamento associativo no Médio Mearim maranhense (NERIS, 2015)” (JESUS, 2017, p.9). Com efeito é indispensável, o uso das respectivas literaturas concernente que discutem essa temática tanto no âmbito da concepção europeia e latina americana, também e principalmente no Brasil e considerando moldes locais e regionais.

Considerando este contexto:

[...] outros autores que se dedicaram ao estudo dos chamados “novos movimentos sociais” que se tornaram visíveis nas últimas décadas, têm notado o quanto sua institucionalização é tributária da intervenção de antigos militantes sindicais, no caso da França (Sawicki, 2003), ou decorre da luta por direitos civis ou contra a guerra do Vietnam, no caso dos Estados Unidos (Berry, 1993) (MORENO; ALMEIDA, 2009, p.66)

Num intuito de observar a relevância das procedências de cada militante, Sawicki e Siméant (2011) trazem à discussão, ainda, o peso da mediação de outros indivíduos ligados ao movimento associativo. Estes são considerados, segundo os autores, como móveis importantes para a produção de empatia entre os envolvidos e que interfere diretamente na assimilação deste indivíduo, a causa coletiva. O que então constituiria um ponto crucial para sua iniciação política ou de quando ocorre este “insight”. Pode se dizer que:

O compartilhamento de propriedades sociais entre um indivíduo e os membros de um grupo mobilizado e, portanto, a existência de uma comunhão de ideias e de hábitos não basta para orientar um indivíduo para determinando grupo mobilizado; na maior parte dos casos, a mediação de pessoas próximas é necessária, senão suficiente (Snowet al., 1980; Gould, 1991; Passy, 1998; Diani e McAdam, 2003; Duriez e Sawicki, 2003).

⁴ JESUS, 2017.

Ora “Ainda que a existência de vínculos nem sempre comprove sua eficácia ou efetividade, os relatos biográficos frequentemente confirmam o papel dos pais, amigos, colegas, até mesmo de certas figuras tutelares (professor, sacerdote, militante exemplar...) na passagem à ação.” (SAWICKI; SIMÉANT, 2011 p. 213).

Por outro lado, cabe destacar aqui as pesquisas de Ernesto Seidl (2008). Em seu artigo sobre engajamento militante (SEIDL, 2008), o autor faz a observação em várias instituições associativas com causas diversas. Procurando criar um quadro comparativo e assim demonstrando como há uma semelhança nos processos de engajamento das lideranças. O autor demonstra como o universo de vivência destes indivíduos acaba se confundindo com o das próprias associações que eles representam. Devido a este processo de inserção na própria história pessoal dos indivíduos através da sua dedicação as essas associações, ocorre uma interpenetração entre a história objetivada da instituição e a história incorporada do indivíduo.

Posto isso é interessante ressaltar as características que os autores utilizam para exemplificar os hábitos ou comportamentos, peculiaridades dos militantes sindicalistas europeus, ou seja, considerando o universo totalmente diferenciado do analisado neste trabalho empírico, mas que nos dá por vezes nuance das realidades de vida e das disposições para o engajamento militante analisado.

Para tentar entender a pretensão da discussão realizada pelos autores sobre a definição de “capital militante” eles fazem um paralelo entre outras formas de engajamento. Segundo Matonti e Poupeau (2004), por exemplo, este é processo reversível no que diz respeito ao campo dos estudos do militantismo, devido à mobilização da sociedade e do surgimento de categorias novas de militância, pois nessa época surgiram novas temáticas e insatisfações coletivas que geraram novas categorias de mobilização, ou até mesmo as que já existiam, tomaram nova roupagem. Isto é, adquiriram formas distintas de sensibilizar o social, assumindo novas frentes e impulsionando a constituição de novas ações reivindicatórias e, conseqüentemente, promovendo a reinvenção de movimentos.

Havendo a necessidade da retomada de discussões relacionadas ao processo de engajamento e causas de inserção em carreiras militantes, convém destacar aqui a distinção feita por Matonti e Poupeau (2004) entre o “campo militante” e o “campo partidário”. De maneira geral, esse afastamento decorre do

processo de distanciamento entre o militantismo partidário e sindical tradicional devido, entre outros fatores, à implosão da classe operária, à precarização estrutural, à falta de representação, principalmente da juventude, herdeiros e sucessores dos sindicalistas e militantes.

Uma das principais dimensões analisadas no decorrer deste trabalho empírico recai sobre apreciação do aspecto da vivência e das multiplicidades de experiências existenciais de militantes destacados. Assim, o que entra em pauta é o processo de aquisição do capital militante como noção operativa para compreender o processo de passagem à ação de determinados agentes sociais e fora das caracterizações sociopolíticas que preponderavam na interpretação desse fenômeno. É o que se pode compreender, por exemplo, na seguinte passagem:

Nos anos 1970, Daniel Garcia havia mostrado como em razão da fraca "matriz ideológica" dos eleitores em geral e dos filiados aos partidos de massa em particular, "a ligação com a causa" e "a satisfação de defender suas ideias" poderiam constituir apenas um fraco motivo à adesão a um partido ou a um sindicato - ele se opunha também, desta forma, a todos os modelos que veem adesão partidária ou sindical como materialização de uma crença política. Em compensação, ele demonstrou o quanto à passagem por essas instituições sociais trazia um capital escolar de substituição, princípio de uma capacidade adquirida graças a tal passagem, para se orientar no espaço político. Para dar conta dessa capacidade de se orientar, dos mecanismos de sua aquisição e de sua incorporação, a noção de capital militante se revelou o útil (MATONTI; POUPEAU, 2004, p.129).

Nesta perspectiva, falar em "capital militante é insistir em uma dimensão do engajamento do qual o capital político da conta de maneira insuficiente" (MATONTI; POUPEAU, 2004, p.130). Segundo eles o capital militante trata-se de um poder simbólico que se distinguiria do capital político, como segue:

[...] o capital militante se distinguiria então do Capital político que é em boa parte um capital de função nascida da autoridade reconhecida pelo grupo e, por isso, "instável": incorporado sobre a forma de técnicas, disposições agir, intervir, ou simplesmente obedecer, ele abrange um conjunto de saberes e de *savoir-faires* mobilizáveis no momento das ações coletivas, das lutas Inter ou intrapartidários, mas também exportáveis, passíveis de conversão para outros universos, e, assim, suscetíveis de facilitar certas 'reconversões' (MATONTI; POUPEAU, 2004, p. 130).

Portanto, ao falarmos em capital militantes, o que tratamos é da assimilação de aprendizados, técnicas, conhecimentos, modalidades de atuação. Esses *savoir-faires*, de que falam os autores constituem um conjunto de habilidade para obter êxito, graças a um comportamento maleável, energético e inteligente,

próprios dos militantes, pois, em geral eles têm esse “tato” ou como dizem popularmente, o “tino”. Isso pode apontar exatamente para o que nos sinaliza inicialmente sobre os esclarecimentos ou deduções sobre as similaridades nos processos de engajamento e das características que são erroneamente designadas aos militantes ou simplesmente pelo caráter vocacional que muitos dirigem aos gostos, a carreira militante.

A tentativa de definição do “capital militante” por Matonti e Poupeau (2004) ressalta, portanto, a aquisição das mais variadas habilidades, assimiladas devido ao desenvolvimento de atividades de oratória, direção, coordenação e redação de materiais de divulgação, entre outros aspectos, do cotidiano militante.

É nessa esfera de atividades contínuas e cotidianas que são adquiridas, incorporadas ou acionadas habilidades que conferem aos seus portadores não apenas o reconhecimento, como também a habilidade para transitar pelos espaços, interagir e assumir o papel de efetivo de militante. Assumindo o outro, a causa se torna intrínseca em sua personalidade de defensor, de ser exatamente aquilo que representa. Dessa maneira, o investimento militante, tomado enquanto processo não se confunde com as explicações mais pueris e subjetivas sobre as suas origens e motivações.

[...] tomam, com efeito, por um "novo individualismo", o que é, na realidade, o produto de transformações das relações entre universos sociais que modificam a estrutura da distribuição dos capitais entre os agentes, oferecendo assim (ou obrigando-os a) novas possibilidades de investimento é então, com a condição de não separar as disposições incorporadas pelos agentes dos espaços sociais nos quais eles se investem, que a noção de capital militante aparece como uma forma de analisar a lógica de investimentos militantes que não podem ser suficientemente explicados pelas crenças individuais. (MATONTI; POUPEAU, 2004, p. 132).

Cabe ressaltar, no entanto, que não interessa adentrar aqui em polêmicas quanto aos limites e confusões entre a vida particular e a vida pública dos militantes, muito embora estas acabem por se confundir em determinados pontos. Reservaremos o direito de ultrapassar essas fronteiras somente quando essas interpenetrações forem significativas para explicar a lógica dos engajamentos, detendo potencial explicativo para a presente pesquisa. Mais importante é compreender que “toda militância é, em primeiro lugar, fruto de uma integração social e cultural do indivíduo, como qualquer forma de participação política, e que o engajamento é uma ação coletiva remete a itinerários individuais e a um contexto

político” (BARTHÉLEMY, 1994; MAYER & PERRINEAU, 1992 apud SEIDL, 2008, p. 2-3).

Com relação ao engajamento associativo, como vimos na pesquisa de Seidl (2008), a adesão às mesmas tende a ocorrer muito cedo, ainda na adolescência dos militantes entre os 19 e os 39 anos de idade. Destaca-se nesse plano especialmente a integração a grêmios estudantis, a atividades de organização escolar e também nos movimentos da igreja. É precisamente essa integração iniciada nas primeiras etapas de socialização que promoverá a aquisição de disposições para o trabalho coletivo, para o empenho em ações conjuntas, aos quais se vincula ainda a aquisição de disposições críticas e também de repertórios de atuação que acompanharão esses agentes por diversas outras organizações.

Além disso, como militantes já razoavelmente treinados pelas discussões e pela proximidade com o sindicato e com o partido político, esses jovens dominavam alguns saberes que eram necessários na militância eleitoral.

O acúmulo de um capital militante, tal como a capacidade para mobilizar, aglutinar pessoas, redigir panfletos, criar estratégias de divulgação, já fazia parte da experiência com a Posse Rima & Cia, favorecendo a entrada desses jovens nas atividades desenvolvidas durante as eleições. Da mesma maneira, as disposições sociais mencionadas anteriormente, ou seja, uma socialização que favorecesse ordem e disciplina e uma pulsão pela ascensão social também contribuíram para que esses jovens, ou pelo menos as lideranças, aceitassem a lógica de submissão aos valores, às hierarquias e às censuras próprias da estrutura dos partidos políticos. Além do saber militante acumulado, dado pela formação política ao longo dos anos em que estiveram associados ao vereador, o conjunto de retribuições materiais e simbólicas garantidas pelo “mandato”, assim como promessas de retribuições futuras, favoreceu a entrada, na campanha para as eleições municipais, de alguns dos jovens que atuavam com o vereador. (MORENO; ALMEIDA, 2009, p. 70-71).

Ocorre em ⁵“L’acquisition de ressources – savior-faire et savoir-être – d’une part. La participation à une activité militante peut permettre d’acquérir des ressources ,évidemment variables em fonction des capitaux détenus par ailleurs et antérieurement à l’engagement, et donc générer des rétributinos” (FILLIEULE, 2009, p. 91). Como bem observa Seidl (2008), independentemente do interesse ou participação do indivíduo envolvido na militância ser de cunho social político ou

⁵ Tradução: “A aquisição de recursos - savior-faire e savoir-être - por um lado. A participação em uma atividade militante pode permitir a aquisição de recursos, obviamente variáveis, dependendo do capital mantido em outro lugar e antes do compromisso, gerando assim retribuições”.

apenas a participação desinteressada, o conjunto desses elementos é que atuam para que ocorra um investimento pessoal, revelando a verdadeira face deste que será o futuro militante. Então, parte da sensibilidade, do interesse ou simplesmente da preocupação com causas de cunho social deixam de derivar somente de propensões pessoais para encontrar seu pleno sentido em um processo de construção inseparavelmente pessoal e coletivo, porém, sempre único e singular, posto que depende das particularidades das trajetórias dos indivíduos.

Neste contexto, ainda com Ernesto Seidl (2008) aprendemos que a posse de certos conhecimentos - bagagem cultural ou densidade intelectual -, não se adquire exclusivamente na escola, por leituras, pelo cinema ou atividades sociais. A aptidão para oralidade, argumentação, tato para conciliar, como em discussões, reuniões e debates – tomados como ingredientes indispensáveis a qualquer participação militante qualificada – liga-se aos aprendizados e competências adquiridas dentro da própria militância.

Por outro lado, como visto em Seidl (2009), é preciso levar em conta a própria temporalidade dos processos de engajamento e a sua variabilidade em termos de intensidade. Neste quesito, em particular, cabe destacar que todos os principais militantes entrevistados nesta pesquisa constituem ou constituíram exemplos de engajamento total à causa em pauta, o que não descarta o interesse analítico dos engajamentos mais distanciados e parciais, os quais mereceriam ser investigados noutra ocasião. Como sabido, apoiadores ocasionais são importantes não apenas pelo endosso ao engajamento, como também podem ser decisivos para interligação a outras esferas sociais.

Então para penetrar neste universo da militância, uma série de requisitos é necessária, exige-se uma intimidade com algumas habilidades próprias de quem lida com uma série de questões burocráticas e de mínimo de conhecimento na área. Portanto, o mínimo de conhecimento da educação formal será exigido do militante, que não poderá depender somente de seu interesse ou vontade de participar, isso é constatado na maior parte das entrevistas quando os militantes relatavam ter tido destaque na inserção ao movimento e conseqüentemente ascensão à liderança pelo fator de possuir maior escolarização, geralmente exercendo em suas comunidades rurais a função de professor.

O papel da educação formal foi irrisório no desenvolvimento de seu engajamento, e as predisposições familiares mostram-se relativamente fracas. Com frequência, é um vizinho, um colega de

escola ou de oficina mais velho que faz as vezes de iniciador. Entre os militantes oriundos das classes médias, a religião frequentemente desempenhou um papel determinante na conscientização da injustiça, mas também por intermédio de um pastor ou de algum líder associativo. (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 213-214)

Sinteticamente, dessa perspectiva, entre o interesse e a inclinação para tomar parte em movimentos sociais e o envolvimento efetivo, há uma pluralidade de fatores, lógicas e processos que, uma vez explorados, podem ajudar a compreender os processos de politização da vida social e os móveis da participação política.

As chances de se interessar e se sentirem inclinado a tomar parte em movimentos coletivos - como associações, sindicatos, partidos, ONGs e cooperativas, por exemplo - distribuem-se de modo desigual na sociedade. Entre o interesse e a inclinação e o envolvimento efetivo em alguma "causa" coloca-se uma série complexa de razões que combinam com condições sociais e culturais (origem social, tipos de socialização familiar, política e religiosa, recursos culturais e escolares) e conjunturas pessoais e históricas ("acazos" e "oportunidades", no momento ou evento político) (SEIDL, 2008, p. 229).

Por outro lado, como visto em diversas pesquisas realizadas aqui no Brasil, a participação em associações ou entidades vinculadas à Igreja Católica constituiu poderosa alavanca para o engajamento militante (NERIS, 2014; GOIRAND, 2009). Dentro do contexto histórico em pauta, "a Igreja Católica da Teologia da Libertação fomentou e apoiou mobilizações que, afirmando a dignidade dos pobres e dos humildes frente ao poder político, contribuíram para estruturar progressivamente as oposições aos regimes militares" (GOIRAND, 2009, p. 323). Como será visto com maior detalhe adiante, o apoio de organizações religiosas, de lideranças da Igreja, e até mesmo o emprego de repertórios religiosos, foi de crucial importância para os agentes e movimentos estudados aqui, reforçando a hipótese de pesquisa de que a religião constituiu provavelmente a mais poderosa matriz de engajamento político na região maranhense.

2. SURGIMENTO DO STTR DE BACABAL: CONFIGURAÇÕES HISTÓRICAS DO MÉDIO MEARIM.

Neste segundo capítulo traçamos um balanço do contexto de surgimento da STTR de Bacabal. O objetivo deste capítulo historiográfico e contextual é dar conta do nascimento da associação e realizar uma descrição das suas condições de emergência, utilizando a bibliografia disponível, e informações coletadas na pesquisa, tomando como base o âmbito histórico da formação do Médio Mearim e da cidade de Bacabal, cidade na qual se dá a criação do sindicato investigado.

Portanto, por um lado, também recorreremos aos dados institucionais, entrevistas realizadas com dirigentes e ex-dirigentes, para tentar retratar as condições de emergência e as transformações no sindicato com o passar do tempo, assim também verificar como nasce e se modifica a dinâmica das formações das diretorias, seus *modus operandis*, conflitos, bandeiras, vínculos políticos partidários, analisar a autonomia adquirida por estes órgãos, enfrentamentos e lutas travadas pela instituição. Será possível também em um tópico deste capítulo discutir como se dá a emergência das esferas religiosas católicas, nestas lutas. Como a igreja através do fomento financeiro, apoios, formações e envolvimento direto, fora figura decisiva neste processo de lutas e apoio aos trabalhadores rurais, assim como na criação da CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) da ACR (Animação dos Cristãos no meio Rural).

O material que apresentaremos a seguir se estrutura da seguinte forma: primeiramente, vamos explorar os aparatos historiográficos contextuais disponíveis: ALMEIDA, 1981; FERREIRA, 2015; JESUS, 2017; OLIVEIRA, 2003; SILVA, 2015. Para analisar o processo de institucionalização do sindicato diante das intensas mudanças ocorridas no espaço geográfico do Médio Mearim foram explorados e coletados os dados, como: materiais gráficos, atas, fotografias catalogadas pelo sindicato de Bacabal. Farei uso também das informações reunidas num livreto produzido pelo próprio sindicato entre os anos de 1999 e 2000 em comemoração aos seus 30 anos de fundação. Este material de grafia simples e conteúdo breve, no entanto, contém informações muito importantes descritas e organizadas cronologicamente, tomando uma função de registro dos fatos importantes ocorridos no sindicato no decorrer dos anos.

Portanto, além de analisar as lógicas, disposições e gostos pelo engajamento militante, também buscará mostrar, como se dá o processo de criação do Sindicato de trabalhadores e trabalhadoras rurais de Bacabal considerando o processo de formação demográfica deste município. Buscando entender as motivações para surgimento de um instrumento de defesa do trabalhador na região do Médio Mearim, ou seja, as configurações do processo de institucionalização e sistematização considerando os atores deste cenário político e das lutas e disputas deste movimento. Lembrando sempre, que para isto, faremos uso de uma série de memórias orais, de integrantes do sindicato em sua gestão atual assim também como de antigos colaboradores e dirigentes e ex-dirigentes, do STTR de Bacabal e das literaturas disponíveis de estudos sobre esta região.

2.1 A influência das migrações na formação demográfica de Bacabal: nasce a “Princesa do Mearim”

A região do Médio Mearim é uma região composta - no período que se insere o estudo -, por 21 municípios dentre eles está à cidade de Bacabal. Que está situada na porção central do Maranhão. Possui contextos históricos específicos e ao longo do século XX (FERREIRA, 2015) apresenta um crescimento expressivo da população, devido principalmente às densas levas migratórias que ocorreram nesta região. Sobre isso Ferreira (2015, p.24):

A região central do Maranhão é, nas décadas de 1930 e 1940, a espacialidade dos bons invernos e de terras sem dono para retirantes de um Nordeste seco, nas décadas de 1950 e 1960, soma-se a essa característica natural, a alta produtividade de arroz e de outros gêneros agrícolas, que funcionam como elementos de atração em tempos secos ou chuvosos.

Tal como ocorre em Bacabal, que se torna destino de muitas famílias migrantes que conseqüentemente levaram o que era uma fazenda a tornar-se uma cidade em virtude do crescimento demográfico, chegando a receber foros de distrito e adquirindo autonomia municipal. Isso ocorre segundo relatos e registros de pesquisadores da própria cidade (OLIVEIRA, 2003). Em consequência disso é fundada nos anos de 1920, Bacabal a “Princesa do Mearim” oriunda da prosperidade de uma fazenda criada em 1876, pelo Coronel Lourenço Vieira da Silva que chega à região, com objetivo de instalar-se em solos férteis e propícios ao desenvolvimento da agricultura.

Posteriormente vendida ao Coronel Raimundo Alves de Abreu, agora denominada Sítio dos Abreu, que prosperou devido à fertilidade do solo, topografia privilegiada, recursos naturais e graças aos muitos migrantes, principalmente nordestinos, que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento, tanto de Bacabal como da região do Médio Mearim (OLIVEIRA, 2003). Devido ao grande desenvolvimento da cidade ainda nos anos de 1885 foi instalado na casa da fazenda dos Abreu um telégrafo.

Ocorreu também o desmembramento do Município de São Luiz Gonzaga com a criação do município de Bacabal. Após também sua fundação nos anos de 1961 foram criadas outras cidades, simultaneamente desmembradas de Bacabal: os municípios de Lago Verde, Olho d'Água das Cunhãs, São Mateus do Maranhão, e há alguns anos os municípios de Bom Lugar, e alguns povoados passaram a pertencer a Alto Alegre do Maranhão.

É importante destacar que os dados coletados por Ferreira (2015) são em sua maioria de registros de livros de casamento das paróquias de Santa Terezinha, São Luiz Gonzaga, São Francisco, alguns da cidade de Bacabal e outros da cidade de São Luiz Gonzaga que permitiram a retirada de dados possibilitando a constatação de algumas informações como origem dos nubentes e as datas em que realizaram seus matrimônios, entre outros dados.

Provenientes em maior número do Estado do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, e outros estados nordestinos como é constatado por Ferreira (2015), esses indivíduos chegavam até Bacabal e região, em busca de terras para cultivar e induzidos pelo romantismo criado pelas notícias divulgadas sobre a prosperidade destas terras, e também em parte graças ao incentivo do Estado para povoar e tornar produtivas as terras que aqui eram "terras livres". Devido às grandes secas ocorridas no Nordeste e graças à disponibilidade natural desta região do Médio Mearim, acabavam encontrando terras férteis e abundantes que proporcionaram o trabalho e cultivo de culturas agrícolas, que rendiam seu sustento e por assim dizer os livravam da fome, da pobreza, e de todos os males que assolavam a vida desses migrantes (FERREIRA, 2015).

As riquezas naturais, a disponibilidade hídrica e as terras férteis seduziam as diversas famílias a mudarem de outros estados para o Maranhão e também de maranhenses a se deslocarem para esta parte central do Estado. Conseqüentemente essas mudanças na ocupação das terras locais cooperaram

para constituição de novas culturas de produção, de assimilação de técnicas de cultivo, e a própria ideia de acúmulo de terras e a demarcação por cercas.

Interessante ressaltar a importância dada nesta pesquisa às histórias orais transmitidas através do reconhecimento da veracidade das informações passadas pelos entrevistados que se dá também por uma comparação entre seus discursos, sobre os fatos relatados. Mas, é indispensável entender a importância da audição das memórias desses indivíduos que viram o início das lutas. Registrar muitas vezes fatos e nuances desta problemática que revelam por vezes a partilha de experiências vividas, sofrimentos, frustrações, das expectativas de dias melhores por meio do enrijecimento das lutas.

Uma das principais dificuldades na realização da apresentação da história é conservação da memória se encontra na escassez de documentação registros e arquivos que recai na falta de interesse e conveniência do próprio poder público em não cultivar a cultura e conservação dos acervos históricos da cidade isso ocorre na região de Bacabal (FERREIRA, 2015).

Paralelamente a isso alguns indivíduos afeitos a conservação desta memória, parecem ter interesse na “produção de amnésia”, como vai afirmar Ferreira (2015, p.35), guardando arquivos muitas vezes em suas casas e na maior parte das vezes nas igrejas e organizações não governamentais. E somente por isso que esta pesquisa, assim como outros trabalhos tem sido possíveis, considerando o empenho dos entrevistados descendentes ou migrantes nordestinos e o orgulho que tem em contar suas histórias de vida e suas experiências de migração e adaptação. Na prática, vindos de outras regiões para o Médio Mearim, alguns expressam ter predisposição em rememorar fatos tão marcantes. Transparece em seus relatos a tristeza, o sofrimento, e a dor da partida em deixar suas terras e no coração a esperança e a vontade de um dia voltar ao sertão. Muitos têm a preocupação por vezes em registrar ou terem registrado suas histórias de vida, verifico isso pelo próprio interesse que demonstram, contando suas histórias de vida e luta. É interessante ressaltar a nossa gratidão tanto pela conservação da história, quanto pela o interesse desses indivíduos em reafirmar suas memórias e ter disposição para contá-las.

Sobre isso Milena Ferreira (2015, p.35-36) comenta que:

A aplicação da metodologia da história oral requer uma cuidadosa incursão pelo campo da memória. Conforme Bosi (1994), na definição de memória coletiva formulada por Maurice Halbwachs, a

memória não corresponde a um lócus onde o passado pode ser resgatado em sua forma pura, mas a um lugar onde este é (re) feito, (re) construído, Já que as experiências vividas pelos sujeitos e grupos sociais entre o tempo do lembrado (passado) e o tempo do vivido (presente) performam as lentes através das quais o passado é (ré) lido. As lembranças são, portanto, construídas a partir de uma sobreposição de temporalidades: presente e passado se entrelaçam na memória.

Ainda sobre memória Milena Ferreira (2015, p. 38) conclui que: "O uso da história oral requer nítida distinção entre rememoração e retorno ao vivido. Os fatos e as experiências rememoradas são instituídos como narrativa a partir do tempo presente".

Porquanto, isso possibilita identificar um consenso em escala comparativa através das informações disponíveis no conjunto de dados e relatos analisados: às migrações são oriundas em maior quantidade de vários estados do Nordeste, mas, também de outros municípios maranhenses, identifica-se nas pesquisas de Ferreira (2015), Silva (2015), Oliveira (2003) e Lima Neto (2007). O Maranhão neste período tinha cultura de livre ocupação da terra e os nordestinos que para aqui migraram, assim que chegavam recebiam ou instalavam-se em porções de terra e logo tinha necessidade de delimitá-la por cercas, fator que diferencia dos costumes desta região de "terras sem dono".

Sobre isso Ferreira (2015) vai expressar que desde a década de 1920 até 1950 as regiões de Bacabal e São Luís Gonzaga, assim como, toda a região do Médio Mearim apresenta significativa expressividade nas taxas de desenvolvimento e crescimento demográfico. Mas, posteriormente apresenta na década de 1960 uma queda nas taxas de crescimento demográfico e também em desenvolvimento enquanto o restante da região maranhense continua a crescer em nível moderado (FERREIRA, 2015). Interessante ressaltar que embora ocorra uma queda nas migrações Nordestinas para o Maranhão, devido ao surgimento de novos focos migratórios - Brasília e São Paulo - outras ocorrências induziram os nordestinos a buscarem novas fontes de oportunidades e prosperidade. No entanto, a região do Maranhão ainda registra consideráveis fluxos migratórios nas décadas de 1950-60.

De uma perspectiva historiográfica, as temporalidades das narrativas orais coletadas por Ferreira (2015) dão conta justamente da configuração dessa região como um "Eldorado" para os sertanejos nordestinos dentro desses períodos. Nesse momento, marcada por intenso fluxo migratório e disponibilidade de terras,

entre as décadas de 1930 e 1940, as representações da região como uma espécie de grande eldorado dos sertanejos: exatamente pela “abundância de chuvas”, terras “soltas” de “muitas águas” e “bons ventos”, de “abundantes palmeiras de babaçu”, “terras sem dono”.

Posteriormente, o aumento de produtividade de arroz e de outros gêneros agrícolas na região como algodão, principalmente entre as décadas de 1950 e 1960, desempenhou grande importância como elementos de atração migratória (LIMA NETO, 2007; OLIVEIRA, 2003). É fácil verificar a relevância da grande produção que impactaram a economia do Estado. Como ressalta Evaristo Lima Neto em seu trabalho (2007, p.35):

O final da década de 1950 corresponde à chegada aos povoados do Mearim, da maioria das famílias nordestinas das quais descendem as pessoas que foram entrevistadas neste trabalho. Especialmente a grande seca de 1957, fez engrossar o fluxo de outros nordestinos para o Maranhão, consolidando muitos centros até então incipientes. Entre o final da década de 1950 e meados de 1960, percebe-se também um aumento geral na produção das lavouras de arroz, a valorização da exploração comercial da amêndoa de babaçu na região do Mearim, o surgimento de uma pecuária bovina de maior impacto e às primeiras ações de expropriação das terras camponesas. Estas últimas davam-se, seja por meio da compra de benfeitorias de alguma família, seja pela grilagem de terras. Nessa época, o arroz, que já se apresentava como principal produto da economia estadual, superando o algodão, tem seu status elevado, apoiado principalmente pelo aumento da área cultivada nas regiões maranhenses para onde se deslocam as famílias da frente de expansão.

Em sua obra Raimundo Sérgio (2003, p. 10) relata o seguinte "daí em diante Bacabal se agigantou, foi o tempo do arroz, do algodão, que já vinha despontando com muita esperança de progresso, valia a pena, dava gosto de se ver". Em sua obra Oliveira (2003) descreve aos áureos tempos de riqueza e desenvolvimento das usinas de arroz e também das grandes empresas de algodão.

Entre o final da década de 1930 até a década de 1960, constituiu-se a fase áurea da economia regional de Bacabal. O carro chefe foi uma indústria francesa, estabelecida na cidade vizinha de São Luiz Gonzaga, que se dedicava à compra e venda de algodão, exportado através da hidrovia do rio Mearim. Em razão da Segunda Guerra Mundial, o Cotoniére Brasil Cia Ltda foi vendido para a empresa brasileira Chames Aboud e Companhia, de propriedade de Wady Aboud e seus filhos César e Alberto Aboud. Em função desse movimento, Bacabal torna-se centro comercial e de produção, com um porto de muito movimento, atraindo muitos migrantes nordestinos. A firma dos Aboud possuía filial em Bacabal. (DA COSTA, 2006, p. 44)

A cidade estava cheia de grandes usinas de beneficiamento do arroz, da extensão da Igreja Santa Terezinha onde se iniciava a cidade até o Ramal e Juçaral bairros que abrigaram diversos galpões e usinas. E que até hoje tem estruturas de grandes usinas antigas.

Outro dado importante levantado por (OLIVEIRA, 2003) na obra "Bacabal de Sempre" que pode ser observado é referente à quantidade de habitantes na cidade de Bacabal nos anos de 1950 de acordo com dados do IBGE a população de Bacabal girava em torno de 54.949 habitantes, passando em 1960 dez anos depois para 108.186 habitantes que configura um crescimento populacional em torno de 96,9% e para Raimundo Sérgio (2003, p.10) é uma situação nunca vista isso nos períodos do governo municipal do prefeito Frederico Leda.

Ainda sobre isso, o apogeu do agronegócio de Bacabal (FERREIRA, 2015) revela que em consequências dos processos migratórios que se deram no Vale do Mearim ocorre no período o auge das maiores produções agrícolas cultivadas nessas regiões onde o arroz e o, algodão, que se tornaram os principais produtos comercializados por excelência dando ao estado do Maranhão um status de destaque muito grande na produção agrícola já a partir dos anos de 1950.

Na década de 1940, a região do Médio Mearim (3,20%) continua com taxas de crescimento superiores a do estado (2,51%), sendo 3,16% em Bacabal e São Luiz Gonzaga e 3,27% em Pedreiras, mas sem a mesma expressão do período anterior. Na década de 1950, ocorre o maior impulso demográfico da região, com taxa de crescimento de 8,41%, próxima ao dobro da apresentada pelo Estado (4,64%). Pedreiras apresenta um crescimento menos expressivo que o dos demais municípios (5,10%), enquanto São Luiz Gonzaga e Bacabal crescem 10, 30%.(FERREIRA, 2015, p.70)

Para Ferreira (2015) o avanço das migrações da região Nordeste de diversos estados para o Maranhão, conhecido como o "Eldorado Maranhense", e que se intensificam nos anos de 1950 em direção à cidade de Bacabal estão no princípio dos processos ora analisados aqui. Notadamente "o período de 1930 a 1964 é marcado pelo projeto de realização de uma utopia: a conquista dos sertões, o preenchimento dos espaços supostamente vazios que levaria ao desenvolvimento e à modernização das nações" (2015 p. 67). Sobre o boom da rizicultura no Maranhão:

Enquanto nos Censos de 1940 e 1950 Pedreiras aparece como o maior município do Médio Mearim, a partir de 1960, Bacabal passa a ocupar essa posição e São Luiz Gonzaga, apesar de apresentar um crescimento significativo, persiste como a menos expressiva dos três

municípios ao longo dessas décadas de intenso fluxo migratório de maranhenses e nordestinos (FERREIRA, 2015, p.69).

É interessante identificar como própria autora caracteriza maranhenses nordestinos como coisas distintas como se o Maranhão não pertence ao nordeste, sobre isso Milena Ferreira (2015, p.21) detalha:

[...] o Brasil passa por diversas transformações, inclusive na sua conformação regional. O estado do Maranhão, durante parte do período estudado, é classificado pelo IBGE, juntamente com o estado do Piauí, como uma região específica: Meio Norte em 1940, Nordeste Ocidental em 1945, sendo incorporado à região Nordeste somente a partir de 1950. Após a inserção oficial do Maranhão no Nordeste, o termo migrante ou imigrante nordestino continua sendo largamente utilizado na documentação oficial, na imprensa e nas narrativas orais de migrantes e descendentes.

Como demonstra Ferreira (2015) as motivações que impulsionaram as migrações nordestinas, como um fenômeno recorrente na história social do Brasil a partir da segunda metade do século XIX, recaia também no interesse que o Estado tem na presença desses nordestinos como força de trabalho para melhorar a produção nessas regiões e assim utilizando a mão de obra para o crescimento econômico das regiões desbravadas. Como conclui sobre o interesse na migração: "Com corpos sadios, os trabalhadores rurais seriam os artífices do progresso, otimizando o potencial da natureza exuberante e sedenta de braços firmes" (FERREIRA, 2015, p.118). É o que também atesta a pesquisa de Eugênio de Jesus (JESUS, 2017, p.40):

[...] o espaço em pauta foi marcado profundamente pela passagem e fixação de um grande contingente de migrantes maranhenses e nordestinos (piauienses e cearenses, sobretudo), notadamente entre as décadas de 1930 e 1970, os quais permitem toma-lo como um lugar de encontro e confronto de várias culturas, identidades e mundos.

2.2 Narrativas de surgimento do movimento sindical no Brasil: ATAM nasce movimento sindical no Maranhão.

A ocorrência dos conflitos de terra nasce em vista das ocupações desordenadas das muitas terras devolutas, havendo a consciência de que, muitas terras aqui eram livres e ricas em disponibilidades naturais. Intensificaram-se então além dos fluxos migratórios, o interesse de diversos latifundiários que chegavam e começavam a apossar-se das imensas glebas já habitadas por migrantes

nordestinos e maranhenses, pobres e flagelados que vinham para essas regiões como já foi salientado anteriormente em busca de prosperidade.

No entanto, a época não havia um controle, nem a distribuição oficial das áreas, com regularidade. E por meio da força e a luz do apoio do próprio do Estado ainda com fortes resquícios colonizador, os grandes latifundiários, começaram então a incitar os agricultores e desrespeitar os acordos de limites de usufruto da terra, surgindo os conflitos agrários pela posse da terra no Estado do Maranhão.

Quanto a isso, ainda na década de 50, mais exatamente nos anos de 1954, inicia-se o movimento sindical em todo o país. A partir da II Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas realizada em São Paulo nasce uma instituição de representação destes trabalhadores a, ULTAB (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil). O projeto que se iniciou a partir das deliberações tomadas ainda na I Conferência Nacional de Trabalhadores Agrícolas realizadas em 1953, pois, desde então, já haviam sido iniciadas as discussões em torno da problemática existente na falta de representatividade destas classes de trabalhadores no país (ALMEIDA, 1981).

O movimento sindical dos trabalhadores rurais no estado do Maranhão começa a partir de movimentações nacionais. Por mobilizações que visavam uma reforma agrária de proporções maiores e que necessitava de um apoio de todo conjunto nacional inclusive segundo revela Almeida (1981, p.10):

O trabalho de difusão e propaganda da bandeira de luta da reforma agrária democrática desenvolvida pelas "comissões" teve como desdobramentos imediatos o incentivo à fundação de associações profissionais de vários tipos, em que se uniram os arrendatários, os parceiros, os foreiros, os posseiros, os pequenos proprietários, os moradores e os agregados.

Ocorre no país uma adesão maciça das classes de proletárias sem representatividade, visto que, boa parcela dos segmentos de trabalhadores não dispunha de amparo aos seus direitos, junto dos poderes públicos.

Por conseguinte, a reforma agrária democrática interessava a todos de um modo geral, como examina Almeida (1981). Desta maneira, removeria das mãos dos latifundiários, o monopólio das terras no país. Não obstante isso, em Bacabal, na região do Médio Mearim este processo de luta pela democratização das terras devolutas já vinha crescendo. Foi organizada uma mobilização que culminou na coleta de uma quantidade de assinaturas que justificasse tal proposta.

E no Maranhão esta campanha com 5 (cinco) milhões de assinaturas chega através da aderência a uma resolução da II Conferência que impulsiona a criação em meados de 1954 de uma comissão denominada Comissão Estadual da Reforma Agrária, composta por lideranças da capital do Maranhão. Esta comissão percorreu todo estado, e a região da cidade de Bacabal pertencente ao Médio Mearim acabou tendo destaque (ALMEIDA, 1981).

Em 1954 após a criação da ULTAB (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil), a ideia passou a ser, a de expandir as associações locais que reunissem lideranças de trabalhadores que assumissem a causa localmente e que incrementassem as interligações de toda uma rede de representação regional associada à causa. Não obstante, como assevera Oliveira (1981) a luta pela Reforma Agrária, pelo direito de constituir posse diante do Estado, daquilo que lhes era de direito, não era anseio apenas dos trabalhadores rurais, mas, também de toda classe de trabalhadores sem representação política efetiva.

No período que antecede estas lutas por acesso a terra e aquisição da dignidade mínima ao trabalhador rural. Como destaca Almeida (1981, p.13):

As oligarquias se valiam da impossibilidade dos lavradores não terem suas formas de representação, pelo rígido enquadramento político a que estavam sujeitos, para se colocarem como seus porta-vozes. Torna-se, portanto impossível separar, no movimento de lutas e conflitos que geram a Associação, as 'lutas políticas' das 'lutas econômicas', estando estes níveis fundidos nos próprios meios de enfrentamento dos problemas cotidianos. Agrupar os lavradores de forma autônoma, por si só, significava uma ruptura com severo enquadramento político urdido pelas 'oligarquias' e a uma ameaça a manutenção do monopólio da terra desfrutado por eles.

O surgimento de diversos conflitos nessa região atribui-se principalmente à indiferença dos grandes latifundiários aos acordos firmados com os agricultores, que cultivavam e ocupavam as terras com suas lavouras enquanto que os fazendeiros iniciaram no Maranhão a pecuária extensiva que destruía roças e que, principalmente nos períodos de estiagem, favoreciam o aumento dos conflitos. Daí se faz necessário à intervenção do sindicato que para (SILVA, 2015, p.29) "Na organização em movimentos sociais o que se destaca é a luta, ou os sinais dela, para a emergência um pensamento contrário ao subalterno e colonialista dos fazendeiros e do Estado". Nestes conflitos, fornecendo amparo legal e conduzindo às questões mediante negociações, pois muitos deles por não possuírem este apoio

acabavam se sujeitando aos desmandos dia latifundiários valendo "a lei do mais forte".

Ao entrevistar um dos mais antigos dirigentes do sindicato, registro em seu discurso que isso ocorria nos anos 1950. O senhor Antonio Moreira Lima expressa que:

Foi aí que começou a ficar difícil a posse da terra para os trabalhadores, porque as pessoas foram adquirindo as propriedades, chega tomava conta eu não sei como eles adquiria não... Só sei adquiria as propriedades e ali o campo ia ficando pequeno pro trabalhadores que nasceram e se criaram naquele povoado, ficava com a cerca no fundo das casas. E ai começou a ficar difícil até pra se colocar roça, por conta das terras já esta sendo ocupadas por determinadas pessoas na época. (informação verbal-entrevista 16-11-2017 Antonio Moreira Lima).

São apresentadas por Almeida (1981) as diversas problemáticas enfrentadas como: a expulsão dos lavradores de suas terras, a cobrança de foros para que pudessem cultivar a terra; a proibição da venda das amêndoas condicionada às ameaças as quebradeiras de coco babaçu, o que garantia a exclusividade na compra do produto, a preços inferiores aos do mercado, caracterizando a exploração destes trabalhadores; mortes, desaparecimentos, espancamentos, repressões de todo tipo; a intimidação que sofriam pelos grileiros que fraudavam as escrituras das terras com conivência dos cartórios e do poder público; que adulteravam e forjavam documentos em cartórios de terras e ameaçavam os trabalhadores que intimidados e sem conhecimento, nem amparo acabavam saindo de suas terras enquanto outros resistiam bravamente.

Com a introdução do capim e do gado e a expansão da pecuária e das cercas promovidas pelos grandes latifundiários houve ainda maior incremento dos conflitos devido à proibição à livre extração e coleta do babaçu (FERREIRA, 2015; LIMA NETO, 2007). Além disso, muitos latifundiários usavam da "esperteza" na cobrança de renda, e barganhavam os produtos agrícolas fornecidos em troca de moradia e direito de plantar algo para sua subsistência, sempre com amparo nos setores políticos regionais. Nesse sentido, Almeida (1981, p.14) enfatiza que "As disputas devido às ações de demarcação de terras eram igualmente comuns porque as autoridades municipais sempre favoreciam a seus correligionários políticos".

Devido aos frequentes conflitos ocorridos no Vale do Itapecuru (FERREIRA, 2015) durante os anos 1954 e 1955, motivados pelas disputas de terras e pela autonomia comercial dos agricultores, muitas famílias migraram para o

oeste do Estado do Maranhão, rumo aos Vales férteis do Mearim e do Pindaré, paralelamente a chegada de flagelados que também vinham do Ceará, Piauí e Pernambuco fugindo da grande seca da época. Sobre isso Jesus (2017, p.43) destaca que:

“Em consequência do aumento súbito do valor da terra, o Maranhão atraiu, então, centenas de grileiros que cercavam grandes áreas e se intitulavam proprietários, a despeito da área já ser ocupada por posseiros e indígenas. Numa conjuntura de ausência de sanção legal, grandes proprietários e grileiros promoveram então a expulsão de famílias de trabalhadores nas antigas e novas áreas de ocupação, por vezes, contando com a ajuda de pistoleiros, policiais ou ambos.”

Segundo Almeida (1981), impulsionado pelo grande fluxo migratório, ocorre neste período uma elevação no preço dos aforamentos de terras. Sobre isso Ferreira (2015, p. 114) esclarece que:

“É provável que as duas grandes secas ocorridas na década de 1950, entre 1951-1953 e em 1958, tenham forte influência sobre o alto percentual migratório de cearenses e piauienses, num momento em que, embora haja muitas discussões no âmbito do governo do estado pela efetivação de um projeto de colonização envolvendo migrantes nordestinos, o movimento migratório persiste “espontâneo”. Os dados dos Censos do IBGE também apontam a década de 1950 como àquela na qual o número de cearenses que adentram no estado do Maranhão é muito superior ao das imediatamente anteriores”.

Neste período é interessante registrar que as ações de expansão do movimento de trabalhadores com a fundação da ATAM (Associação de Trabalhadores Agrícolas do Maranhão) já ocorriam em todo estado. As recém-criadas "comissões" pró-reforma agrária mobilizaram todo o estado e convocaram aos indígenas, posseiros e trabalhadores rurais que se organizassem em associações culturais com objetivo de difundir o movimento, espalhar as notícias de injustiças contra os trabalhadores rurais, mobilizarem e ouvir as reivindicações. E por meio das associações buscarem artifícios para pressionar o governo a atender os clamores dos trabalhadores rurais que reivindicavam dignidade mínima e representatividade política.

Após a realização da Conferência Estadual dos Estudos de Reforma Agrária em 1956, com a presença de muitos representantes das mais diversas classes foram discutidas e aprovadas diversas determinações a serem reivindicadas como, por exemplo: a criação da secretaria de agricultura; o aumento da doação de terra de 25 para 50 hectares gratuitamente; estabelecimento de preços fixos para arroz, algodão e babaçu; distribuição de sementes; melhoria da legislação

trabalhista rural; criação de políticas assistencialistas básicas de saúde; dentre outros (ALMEIDA, 1981).

Esta entidade estadual, ATAM, inicia a expansão das associações locais, pois na medida disseminam as associações, conseqüentemente fortalecem a organização das luta dos trabalhadores e da busca pela reforma agrária. Sendo assim (ALMEIDA, 1981, p.18.) "Com a sua atuação as Associações espalhavam-se pelo Estado e passaram a ter uma ação mais conjugada, com repercussões que transcendem aos contornos dos Municípios ou das áreas banhadas pelos principais rios".

2.3 O movimento sindical chega a Bacabal: "mobilização e difusão do movimento no Médio Mearim"

A União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Bacabal (ULTAB) nasce em agosto de 1957. Alfredo Wagner Almeida (1981, p.18) destaca que esta emerge como centro de "articulação e organização das lutas camponesas nos vales dos rios Mearim, Grajaú e Pindaré". Destacando-se na disseminação do movimento nas imediações do Mearim criando mais 24 organizações que somavam mais de 2.500 lavradores associados. Esse destaque de Bacabal ocorre pela substancial quantidade de lavradores que habitavam a zona rural do município. a cidade. Foram preparadas aí desde então algumas ações, que serviam paralelamente para demonstrar a união e a força desta classe organizada. Sendo executadas como relata Almeida (1981), festas do dia do trabalho que reunia centenas de trabalhadores de Bacabal e Pedreiras com a realização de jogos, de desfiles, almoços, vesperais, atividades culturais e outros.

Algumas ações de cunho assistencialista de grande relevância foram desenvolvidas pelas associações. No Maranhão, em Bacabal, a União Artística Operária Bacabalense fundou iniciativas de aberturas de escolas noturnas de alfabetização e organizaram os trabalhadores nos movimentos reivindicatórios graças, em boa medida, a autonomia adquirida pelas associações (ALMEIDA, 1981). Interessante enfatizar que essas ações acabaram por se mostrar relevantes para o próprio processo de formação e conscientização dos trabalhadores sobre a importância da educação como fator primordial para fortalecer a luta.

A União Artística Operária Bacabalense vincula-se a associação de trabalhadores por meio da intervenção do departamento feminino desta entidade que a partir deste ano de 1957 “passa a organizar a festa anual dos dias das mães” (ALMEIDA, 1981 p.18). A partir desses anos e com a fundação dessas entidades representativa, os trabalhadores passam a ter uma autonomia expressiva como nunca antes, inclusive em relação ao Estado, e a igreja. O caráter assistencialista e recreativo das associações nunca se sobressaiu ao principal objetivo que era a representatividade política (ALMEIDA, 1981).

Sob a perspectiva da autonomia financeira e política assumida pelas associações, verifica-se que agora passam a representar ao poder público uma ameaça. Pois representam uma classe muito grande compostas de muitos eleitores. Diversos políticos, visando tê-los como aliados políticos e, por conseguinte, seus membros tentam angariar votos por meio de manifestações públicas de apoio em jornais da época no Maranhão figuras emblemáticas da política como José Sarney (ALMEIDA, 1981).

Há ainda alianças firmadas, e alinhamentos partidários com o PCB, com o qual, a ULTAB (União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil) fazia oposição à coligação PSD/PTB e a vinculação com a UDN e o PSP. Isso não era um movimento de atuação nacional, pois alguns municípios, estados e regiões acabavam apoiando outras frentes partidárias como PTB. Não havia uma pressão ou determinação nas associações para que houvesse uma unanimidade partidária isso era muito relativo.

Como vai concluir Almeida (1981, p.20):

Embora a união dos lavradores e trabalhadores agrícolas do Brasil (U.L.T.A.B) representasse uma alternativa de organização dos Camponeses infectada pelo partido comunista do Brasil (PCB) e a A.T.A.M estivesse ligada a ela, torna-se difícil afirmar que todas as associações criadas no país ou no interior do Maranhão, no decurso dos anos 50, mantivessem vínculos orgânicos com o PCB.

[...] Nem ajudaria a compreensão se considerar as associações de lavradores como meras organizações de massa em que determinado partido político se realiza organicamente.

Em contrapartida, essas ações assistencialistas contribuíram para incrementar os conflitos e o descontentamento dos latifundiários e fazendeiros que viram crescer a força do movimento que se apresentava como um grupo organizado politicamente e que possui condições de exercer representação dos trabalhadores rurais. Nesse momento, despontam ações violentas por meio de pistoleiros e

jagunços, contra quem se associe ou faça parte do movimento sindical na região. Suas lideranças começam a sofrer ameaças e outras chegaram mesmo a serem assassinadas. Em resposta a isso a ATAM toma iniciativa de realizar assembleia geral para discutir o cenário atual e buscar formas de embates, às demandas apresentadas.

2.4 Bacabal se destaca com presença de lideranças a frente do movimento sindical rural no Maranhão

Com o acirramento dos conflitos agrários no Maranhão e visando consolidar ações de elucidação das problemáticas apresentada em fevereiro de 1958 ocorre à Assembleia Geral da associação de trabalhadores agrícolas do Maranhão. Nessa ocasião foi eleita a nova mesa diretora da ATAM constituída por lideranças das associações que se destacaram na incursão de ações em defesa ao trabalhador. Entre os eleitos destaca-se Amadeu Rodrigues de Souza de Bacabal que atua de frente em muitas ações de expansão viajando para várias regiões e difundindo as associações (ALMEIDA, 1981).

As associações de Caxias e Bacabal tem ação importante e decisiva na direção do movimento. E neste momento do movimento as primeiras medidas da ATAM são voltadas na ampliação do "número de associações no Estado buscando reforçar a área principal de conflitos" (ALMEIDA, 1981, p.26). Contudo os poderes municipais e estaduais começaram perceber a influência do movimento e iniciaram a perseguição das lideranças, prisões, chegando a fechar o sindicato e levar preso seu presidente Amadeu Rodrigues de Souza. Ocorrendo o fechamento da União de lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Bacabal em novembro 1958. Quanto a esse quadro, Almeida (1981, p.37) destaca que:

Já pressionados pelos partidos políticos de oposição que haviam iniciado uma campanha para conquistar o voto pelo eleitorado rural e denunciar a corrupção eleitoral os chefes municipais do pessedismo declararam uma guerra aberta às associações.

Reconhecendo como limitadas as possibilidades de recorrer aos organismos municipais e estaduais, os líderes dos trabalhadores rurais de Caxias e da própria ATAM decidiram recorrer às autoridades federais.

Instaurou-se uma perseguição sistemática e generalizada dos membros da associação em escala crescente de violências e

arbitrariedades que encontraram a expressão definitiva somente cinco anos depois do golpe militar de março de 1964.

No entanto é importante ressaltar que no início da década de 60 algumas mudanças importantes ocorreram no que diz respeito à organização das bases legais do movimento, pois, em 1963 foi criado o Estatuto do Trabalhador Rural de nº4.214, para regulamentar e amparar o reconhecimento dos sindicatos, no entanto a partir daí os sindicatos perderam a autonomia de atuação sindical, ficando neste período submetidos ao Estado. Ainda no mesmo ano em dezembro a ULTAB dá lugar a CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas). E em 16 de Fevereiro de 1963 também é criada a Federação dos Trabalhadores Rurais do Maranhão em substituição a ATAM.

A luta pelo reconhecimento do sindicato de trabalhadores deu lugar à frustração da perda da autonomia, pois, suas atividades de agora por diante seriam submetidas aos aparelhos do Estado em uma conjuntura de incremento das ações repressivas com a Ditadura Militar.

A CONTAG desde 1964 estava sobre intervenção, instalou em 1967 uma delegacia no estado do Maranhão, que orientava o trabalho de reconhecimento oficial dos sindicatos já existentes pelo Ministério do Trabalho e tratava da fundação de novas entidades. A delegacia foi instalada em virtude de não existir no Maranhão, segundo as exigências legais, um número suficiente de Sindicatos para construir uma federação (ALMEIDA, 1981, p.66).

No ano de 1969 foi criada a lei nº 2979, do mesmo ano intitulado "Lei Sarney de Terras", frustrando as expectativas dos trabalhadores rurais esperançosos com suposto apoio oferecido durante a campanha por José Sarney para reabertura dos sindicatos e apoio à causa dos trabalhadores e da reforma agrária. Após conseguir eleger-se, Sarney põe em prática seu primeiro projeto de governo que agravou ainda mais a questão da terra no Maranhão (ALMEIDA, 1981; SILVA, 2015). Como complementa Evaristo Lima Neto (2007, p. 40):

[...] ao mesmo tempo em que se fechavam artificialmente, tanto para os pequenos produtores agrícolas que se deslocavam ao estado, quanto para aqueles já estabelecidos no fluxo das frentes nordestinas, mas que tiveram sua posse e existência ignorada, sobretudo nas operações de grilagem de terras.

Pondo em prática a campanha de industrialização e abertura das fronteiras agrícolas do Maranhão, tornando o estado um enorme atrativo para empresas do capital estrangeiro através de incentivos fiscais. Essas ações corroboram para o processo de grilagem e aumento dos conflitos e da desigualdade.

Por trás deste projeto, o objetivo era expulsar cada vez mais o agricultor, liberando as áreas de maior valor para, fazendeiros latifundiários e também ao capital estrangeiro. Ainda sobre isso, Eugênio de Jesus (2017, p.43) destaca que:

“a partir da década de 1970, a situação dos agricultores e quebradeiras de coco babaçu passou, de autônoma com relação às práticas na agricultura e extrativismo babaçu, a um processo de subordinação, ocasionada pela expropriação das terras e restrição de acesso aos babaçuais que foi legitimada pela regulamentação da Lei de Terras N° 2.979/69, ou como ficou popularmente conhecida Lei Sarney de Terras”.

2.5 O retorno das atividades sindicais em Bacabal e o retrocesso do movimento.

Após um período enfraquecimento das discussões e fechamento dos sindicatos houve um quebra da ideologia do discurso, apesar das Ligas Camponesas não aderirem, e veementemente discordarem desse modelo de vinculação estatal. A ULTAB₁ e às forças de movimentação inspiradas pela igreja católica assumiu o risco e viram sua liberdade sindical ser interrompida. A custa das supostas vantagens oferecidas pelo governo reformista de João Goulart (ALMEIDA, 1981).

O movimento dos trabalhadores acreditava que diante da pressão e força exercida pela mão do Estado os latifundiários iriam renunciar às terras e respeitar o direito do trabalhador. Tudo que havia sido implantado nas duas últimas décadas, perdeu força diante das circunstâncias apresentadas anteriormente. O período de regime político vivido no país desde 1964 estagnou a luta que se fazia abertamente. Desde então às ações de formação política, às intervenções do sindicato e às reuniões, agora eram às escondidas, as ações ficaram cada vez mais restritas, devido à ausência da democracia do período.

Em 2 de abril de 1972 é fundada a FETAEMA, o Sindicato de Trabalhadores e trabalhadoras Rurais de Bacabal foi criado em 29 de Novembro de 1970 é importante ressaltar que seu reconhecimento somente se dá dois anos após sua criação. Através da sua filiação à FETAEMA em janeiro de 1973, a mesma também só recebe reconhecimento oficial em maio de 1973.

Segundo relatos do entrevistado Raimundo Lima, o período em que se dá a criação de Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais da cidade de Bacabal Maranhão se insere em um contexto político muito conturbado violento, não somente para nossa cidade como também todo o país vem de uma complexa e

longa discussão de reforma agrária que já vem sendo discutida ao longo de muitas décadas sem uma solução. E devido à vinculação ao MTPS.

Em Bacabal especialmente isso ocorria com frequência e regularidade segundo relatam os entrevistados, mas também percebido através dos registros do próprio sindicato, inclusive com doações em dinheiro para aquisição de bens e custeios de despesas, apesar do sindicato ser vinculado ao MTPS. Em 1971 registra-se a doação de 500 cruzeiros feita pelo bispo de Bacabal D. Pascasio para aquisição de uma máquina de escrever que custavam 900 cruzeiros. Devido à incorporação da Diocese nas lutas em favor da classe de trabalhadores rurais desde 1962, após a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil é idealizado o movimento de aproximação aos movimentos rural inspirado na ideologia supracitada (ALMEIDA, 1981). Isso também é identificado por Evaristo:

[...] durante as décadas de 1970 e 1980 as comunidades religiosas [...] aparecem nessas localidades como uma primeira experiência de discussão conjunta - enquanto uma coletividade definida a partir de referências comuns - de questões que afetavam seus habitantes coletivamente, não apenas no plano religioso, mas também em outros planos de organização social, transformando em "problemas" da comunidade, questões que em outros contextos provavelmente diriam respeito ao domínio do privado, seja do indivíduo ou da família (LIMA NETO, 2007, p.117).

A primeira reunião realizada no Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Bacabal aconteceu com a presença de 60 Trabalhadores, em 1970 onde foram eleitos representantes que seriam cargos provisórios. Para que fossem presididos os trabalhos o senhor Francisco Augusto Marques Garcia solicitou ao senhor Severo Lopes de Oliveira e ao senhor José Cordeiro Mendes que o auxiliassem nesta primeira sessão de ⁶inauguração.

Segundo dados coletados na instituição, na primeira diretoria do Sindicato de Trabalhadores de Bacabal foram eleitos presidentes o senhor Manoel Nascimento de Jesus, para secretário o senhor Alcebíades Magalhães Menezes e para o cargo de tesoureiro Luiz Francisco de Souza. Tendo como seus respectivos suplentes Manoel dos Santos Mendes Jeová Amâncio Lopes e Raimundo Nonato Sousa (que futuramente seria vítima de um dos conflitos mais conhecidos de região de Bacabal) foram também eleitos para Conselho Fiscal desta instituição os

⁶ Vide fontes no apêndice: SILVA. Inaldo Nascimento da. EDIÇÃO COMEMORATIVA, 30 Anos de história: da sua origem aos nossos dias. Bacabal, 1999.

senhores José Cordeiro Mendes, Severo Lopes de Oliveira e Abdoral Cordeiro Mendes tendo como os seus respectivos suplentes Daniel Rodrigues Oliveira domingos e Bezerra de Souza e Abdias Pereira da Cruz. Verificamos que nesta época o mandato de uma diretoria, tinha o prazo de dois anos o que difere da atual estrutura, que tem duração de quatro anos, e a possibilidade de reeleição. Nasce também outras secretarias, o que caracteriza que às demandas vão aumentando e a instituição vai se complexibilizando e se reestruturando com passar dos anos.

Analisando o material cedido pelo sindicato, verificamos que na inauguração deste sindicato foi também realizado a aprovação daquele que seria o estatuto do sindicato e é determinada a cobrança do pagamento de mensalidades pelos trabalhadores associados é estipulado também o valor da mensalidade, no período foi de dois cruzeiros. Esta contribuição serviria para custear despesas do sindicato e assegurar a gastos com serviços prestados ao trabalhador como médicos, assistência funeral, advogados, enfermeiros, secretarias, contador e outros.

Após esta reunião foi necessário à realização de outras para que fossem definidas outras ações a serem executadas pelo sindicato como, por exemplo, a criação das delegacias sindicais, isto se deu na segunda Assembleia realizada desta vez com a participação de 35 associados. Em 1971 o STTR vincula-se ao Pro-Rural ou FUNRURAL, e os trabalhadores passam a ter direito a alguns serviços prestados pelo sindicato, como assistência médica através de convênio firmado com hospital Santa Teresinha, aposentadoria por velhice a partir dos 65 anos, embora o valor fosse referente à metade do salário da época, e outros benefícios. Os sindicatos passaram a ser apenas um por município e serviam como órgãos públicos de assistencialismo (ALMEIDA, 1981).

No entanto nem todos os sindicatos aderiram às exigências e continuavam atuar como movimentos reivindicatórios e a denunciar os grileiros, resistindo ao modelo de sindicalismos feitos pelos Sindicatos Funrural. Por isso muitos foram tiveram seus dirigentes perseguidos ameaçados e até mortos como foi o caso de João Palmeiras de Imperatriz (ALMEIDA, 1981).

No primeiro momento o sindicato de Bacabal ainda funcionava em um prédio alugado e devido às condições financeiras da instituição ainda instáveis. Localizando-se inicialmente no centro de Bacabal, num ponto onde funcionava um antigo curtidor na Rua Rui Barbosa, permanecendo neste endereço cerca de 17

(dezessete) anos. Somente em 30 de junho de 1987 o sindicato consegue realizar a compra de um imóvel que seria sede própria e onde permanece até dias atuais.



Figura 1: Fotografia da sala de reuniões, da primeira sede alugada do sindicato em 1972.



Figura 2: Fotografia do auditório do sindicato em sua sede própria, atualmente.

Nos anos de 1971 o sindicato de Bacabal recebe algumas aderências políticas como a do deputado estadual João Alberto de Sousa do partido ARENA, uma figura muito conhecida no cenário político do Maranhão, nos anos que se seguiram. Segundo Alfredo Almeida (1981, p. 69):

As organizações sindicais, que em períodos anteriores estava sendo acionados pelas oposições para derrubar os situacionistas ou que encontravam grande perseguição por parte dos detentores do poder municipal passavam agora, com frequência, a serem controladas por eles. Foram absorvidas institucionalmente pelo esquema de dominação política. Os sindicatos que se dispunham desta forma ficaram conhecidos como Sindicato-Funrural ou sindicatos assistencialistas. Recusam-se a encaminhar as reivindicações e funcionam a molde das instituições públicas, coonestando o poder. Dependendo de recursos obtidos a partir de convênios com Funrural tornaram-se presa fácil dos políticos regionais. Em sua maioria funcionaram como redutos eleitorais da ARENA nas eleições de 1972, 1974, 1976 e 1978.

Ou seja, como salienta o autor o sindicato acaba sendo vítima dessas ações de manipulação que permanecem até hoje no sindicato, pois desde este período até atualidade João Alberto exerce poder e recebe apoio político do sindicato de Bacabal segundo é constatado nos depoimentos dos próprios dirigentes entrevistados e segundo registros fotográficos da instituição.



Figura 3: a fotografia mostra o Deputado João Alberto discursando aos trabalhadores em assembléia realizada em 07/05/1972.

Interessante ressaltar a importância da luta travada pelas Ligas Camponesas, assim também como o Partido Comunista Brasileiro PCB que nos anos que antecedem a formação deste sindicato já vinha trilhando o caminho da luta

pela reforma agrária. Pela redistribuição de terras devolutas e improdutivas entre os trabalhadores de Bacabal, e esta companhia era desenvolvida através das ações coordenadas pela igreja católica. Essa aproximação partidária com o sindicato, acontece segundo os militantes principalmente no período dos anos 80, quando o PCB tem relevante influência nas ações desenvolvidas em favor da causa dos trabalhadores rurais e pelo incentivo ao projeto da reforma agrária.

É possível identificar a partir das décadas de 70, que com a criação das CEBs (FERREIRA, 2015), a Igreja Católica aparece como principal interventor dos trabalhadores do Campesinato Brasileiro. E através do movimento organizado das CEBs, da CPT e da ACR como medidas de combate às injustiças, que atuam com ações de politização dos militantes e transmissão da base teórica e ideológica, dando o suporte necessário aos Trabalhadores de operarem nos conflitos e militarem por seus direitos, representando assim as causas dos trabalhadores contra os grileiros e também frente ao Estado.

Ainda sobre isso (LIMA NETO, 2007, p.47):

A partir da ação dos religiosos ligados da chamada ala progressista da igreja - sobretudo padres estrangeiros - adeptos da Teologia da Libertação, filosofia que vinha ganhando espaço, entre o clero brasileiro, iniciam-se em vários municípios do Médio Mearim Maranhense [...] um movimento de transformação na formação religiosa de trabalhadores rurais cujo foco estava nos exercícios de releitura dos evangelhos incentivados pelas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs.

Em Bacabal a presença dos religiosos era muito forte e a partir de 1975 como disse Alfredo Almeida (1981, p. 74): “O clero tem se voltado para uma ação pedagógica junto aos posseiros e demais trabalhadores rurais destas áreas notadamente a partir de 1975” e como relata José Chateo Briam em entrevista cedida: “e aí logo após isso eu comecei a participar das reuniões, e aprendi mais na igreja católica. Bem aqui no seminário do CONASA, a gente passava de quinze dias fazendo estudo, estudando o evangelho, fazendo aquela discussão”. Portanto ele revela que foi a igreja católica a responsável pela formação e instrução de muitos militantes. E ainda ressalta a importância da ACR:

Então naquele período, eu comecei a trabalhar na ACR, (Animação dos Cristãos no Meio Rural) outro movimento da igreja, que era um movimento político, que nasceu no Pernambuco na zona canavieira, e da juventude rural. E aí eu fui um dos fundadores da ACR, na região Nordeste (BRIAM, J.C. entrevista cedida em 26 de novembro de 2016)

2.6 STTR de Bacabal: um “novo tempo”, mudança ideológica, a atuação decisiva da igreja e os conflitos.

Com chegada das décadas de 1970 até 1980, teve fim aquilo que se chamou de *Eldorado Maranhense*. A partir dessas décadas até o início dos anos 1995 a região passou a ser, na realidade, um “barril de pólvora”, como relata Chateo Briam, repleta de conflitos de terras impulsionadas pelas ocupações e as divergências nascidas entre os trabalhadores rurais e os grileiros da região.

A direção do sindicato, não atuava de forma incisiva no combate aos violentos conflitos de terras e servia apenas como órgãos assistencialistas, além de se encontrar em grave crise econômica, identitária e de perda da autonomia política. Neste período segundo Rosineide Reis Dias, um das ex-funcionárias mais antigas da instituição, o sindicato estava afundado em dívidas: ela tinha cinco meses de salários atrasado, além de vários outros benefícios em atraso, férias, décimo terceiro e outros direitos trabalhistas.

A desestruturação da instituição afetava suas obrigações mínimas com pagamento de funcionários, encargos sociais e despesas básicas como telefone e gráfica. Em relação à quantidade de funcionários, segundo informam eram muitos, não sabendo precisar exatamente, mas os entrevistados relatam que era inviável devido às condições financeiras da instituição. E então atendendo às pressões dos trabalhadores e impulsionados pelas ações do PSB e pelas ações de fortalecimento políticos empreendidos pela ACR com formação militantes da juventude rural acionaram-se uma série de processos, como destacado abaixo:

É porque quando a gente começou a discutir na ACR, a gente tinha convicção de que o movimento sindical que estava aqui, ele era um assistencialismo. Que ele não lutava pela questão do mercado de trabalho, da luta pela terra, pela reforma agrária. E a gente achou que ideologicamente nós tinha que criar um grupo pra combater isso. E na época nós fomos quase todo mundo, para o PSB, que era um grupo organizado politicamente que nasceu de dentro da igreja, que era a nossa luta sindical, que depois foi que virou partido do PSB, era o nome do grupo “a nossa luta sindical,” que depois com muita discussão junto com Haroldo Saboia, Zé Carlos Sabóia, Conceição Haddad.

[...] **É o mesmo partido?**

É o partido... Que é o mesmo que virou partido PSB (Partido Socialista Brasileiro).

E o senhor estava nesse meio?

Eu tava. E eu fui um dos fundadores deste partido também, e a partir daí que a gente criou oposição sindical [...] E nesse período foi que

teve uma discussão no sindicato, e nós se articulamos e colocamos uma chapa de oposição contra a que já existia que era do seu José Feitosa. [...] (BRIAM, J.C. entrevista cedida em 26 de novembro de 2016)

Em 1984, foi afastada pela justiça, a diretoria composta pelo presidente José Feitosa Pinto, o seu secretário Jonas Rodrigues Amorim e o tesoureiro Raimundo Nonato Sousa e assumiram provisoriamente os seus suplentes os senhores Valter Vieira da Silva (o então pai de Inaldo), Antônio Alves Castro, Manoel Marçal de Sousa, pois, em 9 de Dezembro de 1984 foi realizada uma nova eleição, e foram eleitos para nova gestão como presidente o senhor Raimundo Nonato Silva, para secretário o senhor José Chateo Briam Costa Rego e como tesoureiro Inaldo Nascimento da Silva. Neste momento segundo eles ACR discutia sobre a mudança de ideologia do sindicato. Lima Neto ressalta:

[...] as reflexões puxadas pela ACR alertam para os obstáculos concretos impostos por uma luta pela terra - como a reação violenta dos proprietários e do Estado -, para qual a sindicato seria no plano formal, o instrumento legítimo de reivindicação dos trabalhadores rurais que estivessem imbuídos de uma consciência libertária (2007, p.50).

Sobre isso o senhor Chateo Briam relata o que segue:

[...] era tudo muito novo, eu não sabia o que era o sindicato foi fundado em 70, e em 76 eu me sindicalizei.

[...] **Nesse período quem era o presidente era o seu José Feitosa Pinto?**

Era, seu Feitosa Pinto, que era seu Zequinha que passou a ser presidente por um longo tempo, e o movimento sindical era muito fechado na época, que era todo organizado e orientado por portaria do ministério do trabalho. Não tinha a liberdade que hoje se tem, a gente fazia tudo determinado pela lei ou portaria do Ministério do Trabalho. E só veio melhorar isso depois de 88, que foi fundada a constituição, que tinha a questão de liberdade e autonomia sindical. Então naquele período, eu comece a trabalhar na ACR, (Animação dos Cristãos no Meio Rural) outro movimento da igreja, que era um movimento político, que nasceu no Pernambuco na zona canavieira, e da juventude rural. E aí eu fui um dos fundadores da ACR, na região Nordeste,

Isso com quantos anos ?

Isso eu tinha 27 anos, e foi logo de imediato, dois anos depois que eu entrei na ACR.

E o senhor ainda era suplente da delegacia sindical, do seu povoado?

Era suplente da delegacia de São Benedito povoado, inclusive e na delegacia do povoado era Boa Esperança, que era quase ligado era povoado bem maior. Mas eu pertencia, porque delegacia não era só num povoado, tinha dois três povoados pra formar uma delegacia.

Depois que eu entrei na ACR, começou discutir no Maranhão, a questão da mudança de ideologia do movimento sindical. E nessa época que eu fiquei na ACR, a gente começou a discutir a questão das oposições sindicais. (BRIAM, J.C. entrevista cedida em 26 de novembro de 2016).

Um breve parêntese deve ser aberto aqui para destacar que nessa conjuntura o apoio logístico e simbólico da Igreja, através de padres, agentes pastorais e/ou religiosos, foi fundamental para criar condições para (re)estruturação dos movimentos de trabalhadores na região. Nesse quadro, particular destaque ganha a Diocese de Bacabal, como bem assinalado por Lima Neto (2007, p.48):

Na região do Médio Mearim maranhense por intermédio da Diocese de Bacabal e especificamente da Paróquia de São José, com sede no município de Lago da Pedra - a qual estava submetido Lago do Junco - as CEBs apresentam-se em meados da década de 1980 como um dos espaços de luta para ter acesso a terra e aos recursos naturais nelas presentes, como é o caso do babaçu. Para tanto, estabeleciam uma constante conexão entre fé e política, cujo resultado mais expressivo foi o abalo provocado na eficácia dos esquemas de dominação legal e simbólica que os proprietários de terra e comerciantes faziam incidir sobre as famílias de trabalhadores rurais daquela região.

Retomando o eixo narrativo, importa destacar que em 15 de janeiro de 1985 a nova diretoria assume o sindicato e inicia diversas mudanças para alinhar às ações e reestruturar a instituição que estava afundada em dívidas. O clima dos conflitos era muito forte e perigoso, marcado por ameaças, mortes e muitas agressões físicas, morais, expulsões, desocupações, perda de direitos. E essa direção veio para atender os anseios dos trabalhadores que desde 1962 havia sido perdida com o início das repressões do Estado. É mister ressaltar que se tratava aqui de uma situação de elevado risco, marcado seja pelo incremento das ações violentas orquestradas com o apoio do poder público, seja pela ação de pistoleiros e jagunços que amedrontavam a população local e se encontram, até hoje, no imaginário dos habitantes da região. Obviamente, em uma situação crítica como a que está em pauta, às incitações ao engajamento só poderiam ser limitadas e concebidas em termos de seus elevados custos. A título ilustrativo, vejamos aqui um dos relatos de seu Nascimento sobre o seu processo de adesão à causa:

Associei-me no dia 2 de fevereiro de 1984, eu nasci no dia 14 de outubro de 1965, e trabalhando sempre com os meus pais, e me associei nesse período de 84. No dia 15 de janeiro de 1985, eu assumi um cargo, como tesoureiro dessa entidade, era um período, em que o movimento sindical passou por uma crise muito grande, e todo o Brasil, na época ainda era no regime militar, muitas pessoas

não queriam ser dirigente sindical, não queriam ser delegados porque era repressão muito forte contra dirigentes sindical.
(SILVA, I.N. entrevista cedida em de 04 de novembro de 2016).

Com efeito, após sanar as dívidas do sindicato, reestruturar o quadro de funcionários ficando somente as duas funcionárias da administração anterior e um motorista, a nova direção começou articular às mudanças de cunho ideológico e a traçar ações reivindicatórias. Foi assim que em 1º de maio de 1986 foi realizado ato público de manifestação contra violência no campo e contra trabalhadores e articuladas para o mês seguinte (junho de 1986) a criação de um movimento contrário em resposta a UDR (União Democrática Ruralista), considerada como principal opositora aos ideais dos trabalhadores rurais e que reivindicava monopólio da terra. De acordo com um de nossos entrevistados, Chateo Briam, quando perguntado sobre que mudanças teriam sido realizadas no movimento nesse período com a chegada da nova diretoria, o quadro de oposições políticas e ideológicas encontrava-se bastante demarcado, como segue:

O que mudou foi que nós nos organizamos aqui na região e começou a luta pela terra, foi o período que surgiu tudo quanto foi de conflitos pela posse da terra, que foi de 85, 86, na época que nasceu a UDR (União Democrática Ruralista) que era dos fazendeiros.

Quem encabeçava a UDR?

A UDR era sempre esse pessoal ligado a Zé Vieira, pessoal da SINCOL essa turma ai... Que era bastante forte economicamente, que tinha também muitas terras.

E era uma oposição ao Sindicato? Sempre... Foram inimigo, oposição nos tinha na terra, e agora nós tinha era inimigos... E eles era inimigos do sindicato.

Eles eram inimigos do sindicato?

Sempre foram, se você olhar continua sendo. Então eles brigavam pra manutenção da terra, e nós brigávamos para democratização da propriedade. (BRIAM, J.C. entrevista cedida em 26 de novembro de 2016)

Então foi criada ASSUME (Associação dos Sindicatos Unidos do Médio Mearim), que tinha objetivo de combater às ações da UDR. O sindicato também se mobilizou em torno da necessidade do Sindicato ter representatividade no Congresso Nacional e no sentido de que os deputados pudessem criar emendas constitucionais visando assegurar os direitos dos trabalhadores. O Senhor Antonio Moreira Lima, ex-dirigentes do sindicato, diz que a ASSUMEM era um movimento de enfrentamento a UDR: “foi criada nesse tempo pra ficar confrontando, porque foi criado a UDR. Então foi criado a ASSUMEM pra poder fazer o enfrentamento e

também uma denuncia conjunta”. Foi articulada também uma reformulação do regimento sobre isso:

Tivemos que elaborar novos estatutos, que foi elaborado pela confederação, pela CONTAG, e ai a federação trabalhava na época junto com algumas organizações que tinha aqui no maranhão, CPT, CARITAS, pessoal que lidava com o campo. E criamos uma ideia de estatuto, pra que pudesse orientar e tentar exercer uma democracia interna dentro do movimento sindical. E a partir dai aumentou o numero de dirigente, que foi em 88, eram só três, ai começou uns trabalhar com cinco, outros com seis, e nesse ano de 88 tive outro mandato de secretário geral, depois de 93 que mudou o mandato pra quatro anos. (BRIAM, J.C. entrevista cedida em 26 de novembro de 2016)

Quando a direção assumiu o Sindicato, este não possuía uma sede própria, mantendo-se em funcionamento por vários anos na Rua Ruy Barbosa em regime de aluguel, mas finalmente, a direção articulou maneiras de resolver essa situação e com apoio da igreja o senhor Inaldo e o senhor Chateo Briam relatam:

E nesse período, nos conseguimos recursos pra resolver esse problema administrativo. Ai depois nós conseguimos com frei Eriberto, que é daqui da São Francisco, recursos pra comprar aquela sede, emprestou depois à gente pagou, eu o Inaldo e o seu Raimundo, porque quando a gente recebeu o sindicato não tinha nada, nem moral pra comprar uma folha de papel, num tem aquela gráfica Líder? Nós fomos comprar um material ele disse que pro Sindicato ele não vendia uma folha de papel, aí se nós quisemos comprar tivemos que pagar, nós tiramos do bolso pra comprar. E a partir daí a gente tomou um rumo, e o sindicato nesse período começou a ser visto, não só como um órgão de assistencialismos, mas como uma referencia de representação, por causa da luta. (BRIAM, J.C. entrevista cedida em 26 de novembro de 2016)

Em 15 de novembro de 1987 foi realizada a primeira Assembleia Geral na sede própria do Sindicato, agora localizada na Rua Magalhães de Almeida nº 820 onde permanece até os dias de hoje. E em 6 de dezembro de 1987 foi realizado novo pleito, sendo reeleitos para segundo mandato de mais 3 anos a mesma diretoria: Presidente Raimundo Nonato Silva, secretário José Chateo Briam Costa Rego, tesoureiro Inaldo Nascimento da Silva.

Foi precisamente durante esse novo mandato que ocorreram os dois conflitos de maior repercussão na memória histórica local de Bacabal: o *Conflito da Aldeia*, e o *Conflito da Luziana* dos quais trataremos brevemente no próximo tópico.

2.7 Os conflitos agrários mais conhecidos de Bacabal: Aldeia e Luziana

Em Bacabal ocorreram dois conflitos, que marcaram a história do sindicato, não somente por causa da repercussão que tiveram, mais principalmente pelos requintes de crueldade, e audácia dos executores segundo relata os entrevistados:

Depois houve um conflito muito grande, esse foi primeiro, foi em 88, que foi lá na aldeia do Aldino aqui, aonde foi morto o seu Manoel Quintino, foi morto aqui no centro da cidade também por pistoleiros, lá foram queimadas casas, morreram gentes. E era a mesma situação dos apropriados, e o sindicato também se envolveu, dando total apoio, e a gente conseguiu na época que fossem desapropriadas a área e ficassem para as famílias, moravam mais de 80 famílias na época. (SILVA, I. N. entrevistado em de 04 de novembro de 2016).

Então em 22 de janeiro de 1988, mataram o senhor Manoel Neco Pereira mais conhecido por Manuel Quintino que era uma liderança no povoado Aldeia. E em 14 de fevereiro de 1988 várias casas foram queimadas no povoado e houve grande tiroteio e um trabalhador rural, Trazibe Teixeira da Conceição, de setenta e dois anos, foi assassinado. Vários ficaram feridos, inclusive o menor Joanildo Farias sendo ferido à bala, como detalhado abaixo pelo senhor Antonio Moreira ex-dirigente do sindicato:

Eu como suplente de uma delegacia sindical, nos anos de 88, foi no caso da aldeia que foi uma coisa muito terrível aqui no nosso município, claro que eu acompanhei em outras regiões também.

Quando foi queimada aquele monte de casas dos trabalhadores, numa tarde, não me lembro mas era domingo de carnaval em 88 ali foi terrível. Eu era só um suplente de delegado sindical, e participei lá de todo o trabalho depois da queima das casas, pra cuidar roças. Lá do Bambu a gente via a fumaça subindo das casas, e ai nós peguemos as bicicletas e fomos lá pro Sítio Novo e de nós ficamos olhando, mas ninguém ia porque sabia que o negócio era brabo e o tiroteio comendo então... Tiroteio grande, bala para todo lado. Isso ai era coisa desse povo Zé Vieira que estava nesse envolvimento tem aí em tudo que é lugar até na delegacia tem tudo aí história contada. E queimaram mais de vinte casas.

Era assim porque os povos moravam parede e meia com o terreno dele lá. O conflito era porque eles estavam querendo entrar lá e tal e aí começou, o pai cantou e tal...

A polícia foi e prendeu o carro que entrou lá, e foi uma coisa terrível. Quando passou tudo, veio policiamento montou um posto, que nesse tempo Governo era o Cafeteira, montou posto da polícia lá dentro da Aldeia porque lá tinha roça, eles tinham lá umas 600 linhas de roça, e ai a gente foi ajudar a capinar, porque era em fevereiro e arroz já tá já estava precisando capinar o mato do arroz, e ai juntava aquela multidão de trabalhadores, e a igreja ajudando com a alimentação,

que era muito gente, tinha dias que tinha 400 homens lá. E vinha gente de todas as regiões organizada pela igreja, que mandava aqueles caminhões de Zé Doca, vinha Mercedes lotada, Monção, Pirapemas, Santa Rita, Pedreira, e todo dia chegava pra ajudar. A igreja ajudava, o sindicato né entregava os carros e as igrejas ajudou muito com negócio da alimentação, porque dar comer pro um monte gente desse carece muito, a igreja diocese ajudou muito nisso. E eu era só o suplente, mas participei do primeiro dia de capinas dessas roças até o último.

E montaram posto de polícia lá e aí a gente tava lá na roça mas, tinha policiais espalhado por todos os lados, acompanhado a gente fazer a limpeza das roças. Porque não podia deixar. Morreu um Senhor que era ate deficiência pegou tiro nas costa e morreu durante o conflito no mesmo dia. Lá uns tiroteios muito grande, o povo lá diz que eles também atiravam mas o carro era blindado né, era com chapéu de ferro dos pneus até em cima. Aí eles ia dentária carros jogas às cousa queimava às casa. Casa de palha né?? Fácil demais de queimar...

[...] Chegou a acontecer o que aconteceu, não é fácil né chegar e queimar um povoado quase todo, isso coisa assim de louco, negócio sério. A gente ficou com medo, quem é que não fica só se não tiver coração pra dizer : ah eu não tenho medo . Quem não tem medo? Negócio desses, duas horas da tarde pessoa invadindo povoado de carro tocar fogo num povoado todo sai e deixar gente morta, o diabo quatro...família escondida no mato, teve mulher que passou quase semana dentro daqueles matagal ali com medo e vê suas casas queimando com tudo Foi muito triste mais aconteceu, e não foi em outro canto foi aqui, na Aldeia do Odino município de Bacabal.(LIMA, A. M. Entrevistado em 16 de novembro 2017)

Outro acontecimento marcante que ocorreu em Bacabal e que também resultou em mortes foi o do povoado Luziana - que muitos entrevistados citam como "*Luziana do Bubu*" – tendo sido vitimado o trabalhador Rural Raimundo Nonato Sousa, um dos primeiros militantes do sindicato de Bacabal. Inclusive, nessa mesma época, o mesmo integrava a diretoria do Sindicato no período da intervenção. Era tesoureiro e desde a fundação do STTR de Bacabal foi figura presente nas lutas locais. Sobre isso, Inaldo Nascimento relata sobre morte do seu compadre:

Eu recorde muito bem, eu conheci o povoado Luziânia ainda, tinha o finado Raimundo Nonato Sousa, que ele era até meu compadre, depois foi uma das pessoas que me incentivou muito assim que eu entrei, me incentivava dizendo: rapaz você pode se tornar uma grande liderança! E lá foi um dos graves conflitos.

Ele foi uma das primeiras lideranças aqui, foi o primeiro delegado sindical aqui, e depois que eu assumir ele era uma das pessoas que me incentivava muito. Rapaz você pode se torna uma grande liderança depois nós se tornamos compadres eu fui padrinho de um filho dele. Era uma pessoa que me incentivava muito também depois que eu entrei. Mas lá aconteceu um grande conflito, ele morreu aqui perto do cemitério do Axixá, o pistoleiro matou ele aqui no centro da cidade, por questão de conflito da terra lá, e foi um conflito muito extenso. E

terminou o governo do Estado intervindo e comprando as terras para aquelas famílias que estão lá.

O conflito era porque o proprietário entendeu de tirar todos os moradores de lá, quer dizer tinha que sair todo mundo de lá, pessoas que já moravam há 60 anos a 50 anos.

Chegou e comprou a área, e ele era um dos líderes, que morava ali dentro, e disse não vamos sair daqui, não é assim, nós temos que ver o que nós temos de direito. A partir disso fomos atrás, dos direitos. (SILVA, I. N. entrevistado em de 04 de novembro de 2016).



Figura 4: nesta imagem aparece o Senhor Raimundo Nonato Sousa, importante líder do movimento posteriormente assassinado, a ocasião desta foto durante os discursos de lideranças na data da entrega da carta sindical em 1972.

Embora esses tenham sido os principais acontecimentos marcantes e dramáticos relatados nas entrevistas, na verdade, ocorreram diversos outros conflitos marcados por grande violência, a exemplo dos de *Piratininga*, o do *Bom Princípio* – neste último caso, o sindicato interveio pelos trabalhadores e conseguiu a desapropriação das terras. Seja como for, o que importa reter desses relatos é tanto o efeito produzido sobre o imaginário das experiências políticas das camadas populares locais, quanto o fato de que se trataram sempre de situações marcadas por muita violência e graves ameaças.

Em dezembro de 1990 é eleita nova mesa diretora são eles presidente José Chateo Brian Costa Rego, secretário Antonio Moreira Lima, e tesoureiro Raimundo Nonato Silva. No período sindicato já possuía, novo estatuto, pois devido a desvinculação do sindicato da MTPS a instituição passaria a caminhar com as

próprias pernas e não mais regida pelo Estado. No dia 5 agosto de 1991, José Chateo Brian Costa Rego, devido sua história de lutas e representatividade é convocado pela FETAEMA para ser presidente da Federação. E também ocorre o afastamento de Raimundo Nonato Silva para candidatar-se a vereador.

Por essas razões, a mesa diretora do sindicato ficou composta por: presidente o Antonio Moreira Lima secretária Pureza Lopes Loyola, e tesoureiro João Rosa de Araújo. Segundo a secretaria Rosenilde Reis Dias, essa diretoria desandou e ela atribui o ocorrido à saída de Chateo Briam e do Inaldo foi o “período que o Zé [José Chateo Briam] estava trabalhando em São Luís, o Inaldo tinha saído do movimento sindical, a mãe dele havia falecido, e acabou desandando, o diretor era seu Antônio, e o meu serviço que era da secretaria”. Em 1993, no entanto, as atividades são novamente ativadas com o retorno à direção de José Chateo Brian Costa Rego, como presidente, Antonio Moreira Lima como secretário, e na tesouraria Inaldo Nascimento da Silva. Mais adiante, em nova eleição realizada no ano de 1996, Inaldo Nascimento da Silva assumiu o posto de presidente, Manoel da Silva Neto como secretário e Chateo Briam para tesoureiro. O que se percebe é que ao longo dos últimos anos há uma alternância nos quadros de direção dos mesmos agentes, o que nos relatos e avaliações raramente é concebido como algo negativo ou que impactaria o funcionamento do sindicato – na verdade, a avaliação parece ser precisamente o inverso disso. Nesse período o sindicato conta ainda com apenas três cargos, mas no ano de 1999 são acrescentados mais dois cargos e eleger-se a nova diretoria. Para Presidente, Inaldo Nascimento da Silva, Vice-Presidente Antonio Moreira Lima, Secretário Geral Juarez Rodrigues Silva, Secretário de Finanças José Chateo Brian Costa Rego, Secretário de Políticas Agrária e Meio Ambiente Manoel Anselmo da Silva Neto.

Enfim, no período em que iniciamos a realização dessa pesquisa, em 2016, o sindicato contava com 6 cargos distribuídos respectivamente para os seguintes agentes: Antônio Carlos Araújo como Presidente; Inaldo Nascimento da Silva como Secretario de Finanças; Silvana Morais de Oliveira com a Secretaria Geral e de jovens; Gelza Sousa Mendes na Secretaria de Mulheres e Formação Sindical; Francisco Paulo com a Secretaria de Assuntos Agrários, Agrícolas e Meio Ambiente e, finalmente, Margarida Silva Sousa como Secretária de Políticas Sociais.

3. ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS: ENGAJAMENTOS IMPROVÁVEIS E VOCAÇÃO

Neste terceiro e último capítulo exploraremos a história de vida de dois militantes para identificar, através da apreciação de trajetórias, como se constituiu o gosto pelo engajamento em causas sociais, as lógicas da adesão ao movimento, as motivações e obstáculos enfrentados. Esta opção metodológica se justifica em função dos próprios pressupostos de base do trabalho, inspirados na sociologia do engajamento e da militância, e que ressaltam a necessidade de observarmos as carreiras militantes como um processo resultante de um complexo conjunto de incitações que se encontram na base do desejo pela passagem ao ato. A exemplo dos diversos trabalhos empíricos que optaram por recortes semelhantes, como já explicitado na introdução e no primeiro capítulo, a escolha pelos dirigentes mais destacados se justifica, inclusive, pelas peculiaridades do próprio universo de pesquisa.

Explico que embora o universo de beneficiados pelo Sindicato e a própria causa seja bastante extensa, o conjunto de agentes que se destacam pela inserção e militância na causa na condição de lideranças é, em si, bastante limitado. E isto se deve não apenas aos custos sempre presentes de engajamento em determinadas causas – sem dúvida, muito menos dramáticos hoje do que em passado recente – como também do fato mesmo de que a emergência de lideranças em grupos sociais caracterizados por baixo capital cultural tende a ser sempre limitada e, em certas circunstâncias, até mesmo improvável. E talvez fosse mais conveniente mesmo considerar as trajetórias selecionadas abaixo, como exemplos de trajetórias dissonantes, improváveis, cuja existência e razão de ser despertam todo interesse quando se trata de compreender as matrizes da participação política dos sujeitos e as formas de diversificadas de politização da vida social.

Da mesma forma, através da análise de suas origens familiares, suas condições de socialização, suas experiências de adesão e aprendizados, colocamos em condições de problematizar aquilo que é entendido como da natureza da dádiva, do dom e da vocação. Ora, se as concepções subjetivas dos agentes sociais constituem elementos determinantes para entendermos o porquê de aderirem a causas e movimentos, de enfrentarem angústias, o medo e as frustrações em nome

de uma causa que os ultrapassa largamente, estas não são consideradas suficientes para explicar as lógicas individuais do engajamento, por que suas raízes nunca são inteiramente individuais, mas coletivas, políticas, conjunturais e relacionais.

3.1 Primeiro caso: engajamento por envolvimento com igreja.

José Chateo Brian Costa Rego Nascido aos 12 de janeiro de 1955, no município de Monção, no Maranhão, num povoado chamado Centro Novo, que posteriormente passa a ser chamado Centro do Piauí, devido o seu avô materno ser piauiense, e ter criado este “centro”. Filho de piauienses, da região da Barra de Maradona-PI com mais ou menos 30 a 45 dias de nascido seus pais retornam novamente para o Piauí. Segundo ele seus avôs maternos eram agricultores plantavam cana, tinha um engenho e produziam cachaça, e permaneceram no Centro do Piauí, povoado pertencente a Monção MA. Com 11 anos de idade, Chateo Briam e sua família retornam para Bacabal no ano de 1966, se estabelecendo no povoado São Benedito, próximo São Luiz Gonzaga não saindo mais do Maranhão.

Ele relata que de sua família a única pessoa que sabia ler um pouco era seu pai. Sua mãe dona Ilda era analfabeta, trabalhava na roça e quebrava coco. Seu pai o senhor João do Rego Parente era “comerciante ambulante”, uma espécie de joalheiro, era como um caixeiro viajante. Ele conta que ao chegar ao Maranhão seu pai viajou para trabalhar e sumiu. Só voltando a procurá-lo 50 anos depois em busca de ajuda para se aposentar. Seu pai abandonou família, e ele sendo segundo filho mais velho é quem tem de assumir a família com 11 anos de idade, trabalhando de roça e quebrando coco, até 25 anos. Segundo conta seus familiares eram católicos mais não praticantes, nunca tiveram envolvimento com política ou com movimento sindical.

Estuda em Campo Maior PI, até a quarta série do ensino fundamental e conta que ajudava a ensinar os outros alunos. Aqui no Maranhão, consegue estudar até a quinta série do ensino fundamental. Exercendo a função de professor do MOBREAL, por um período de seis meses no povoado, dando aulas gratuitamente para idosos, jovens e crianças a pedido de pessoas da comunidade que queria aprender a ler.

Aos 14 anos começa a frequentar as Comunidades Eclesiásticas de Base, e a participar das reuniões. Neste tempo em que os padres “faziam desobriga”

(o padre celebrava missa nos interiores, fazendo casamento e batizado). E aí com 14 anos é convidado para ser dirigente da igreja católica do povoado São Benedito. Começando a participar de reuniões, na igreja católica e de seminários no CONASA, chegava a passar de quinze dias fazendo estudos do evangelho e discussões sobre militância sindical. Participava de grupos da igreja, de formações de dirigentes onde foi qualificado, para celebrar missas no domingo, e preparar pessoas para receber os sacramentos da igreja católica como: casamento, batizado, comunhão. Portanto, ele relata que através desse movimento da igreja ele começa a participar da discussão da militância do movimento sindical. Pois, a igreja fazia treinamentos através das CEBs (Comunidade Eclesiástica de Base) isso já nos anos 80.

Dai começa a participar de reuniões sobre o movimento sindical, e nos anos de 1976 ele se associa ao STTR de Bacabal. Através do convite do senhor Manoelzinho Cabano, delegado sindical do povoado São Benedito, que era ligada a delegacia do povoado Boa Esperança, pois, nesse período era preciso dois três povoados para formar uma associação. Posteriormente em 1980 é convidado para ser, suplente da delegacia sindical por ter mais estudo, ele conta que auxiliava no preenchimento de documentos e na parte burocrática da associação.

Começa a trabalhar na ACR em 1982 segundo relata sendo um dos fundadores deste movimento na região Nordeste, quando tinha 27 anos. E ainda era suplente da delegacia sindical, do seu povoado de São Benedito. É nessa época se inicia discussões no Maranhão, sobre questão da mudança de ideologia do movimento sindical. E ele e outros companheiros da ACR de Bacabal começam a mobilizar as oposições sindicais. Segundo ele a diretoria do STTR de Bacabal e o movimento sindical que existia na cidade, era um mero assistencialismo, que não lutava pela questão do mercado de trabalho, nem da luta pela terra ou pela reforma agrária questões que eram cruciais para os trabalhadores.

E ele acreditava que ideologicamente Bacabal tinha que criar um grupo para combater isso. E é exatamente nessa época que se vincula ao partido PSB, e que segundo ele nasce em Bacabal no seio da igreja, e que era grupo e posteriormente vira partido PSB, o nome do grupo era “A Nossa Luta Sindical,” apoiado por Haroldo Saboia, Zé Carlos Sabóia, Conceição Andrade. Ele relata ter sido um dos fundadores deste partido aqui, e partir daí nasce a oposição sindical em Bacabal ao modelo vigente no sindicato.

Casou-se em 1984, ele declara que quando assume o primeiro mandato, sua filha mais velha tinha seis meses, tendo ainda mais dois filhos com a mesma esposa mesmo diante de tantos acontecimentos. Ainda no ano de 1984 ele juntamente com outros companheiros cria uma chapa de oposição contra a chapa da atual diretoria do STTR, que havia sido afastada por decisão da justiça, e em 9 de dezembro de 1984, sua chapa vence. E em 15 de janeiro de 1985, assume o cargo de secretário geral. Juntamente nesta diretoria foi eleito, como presidente Raimundo Nonato Silva, e Inaldo Nascimento como tesoureiro. Nesse período havia só três cargos na área executiva, e os suplentes.

Após eleitos daí começou reestruturar o sindicato juntamente com seus companheiros. Organizaram o sindicato, reduziram seu quadro de funcionários, sanaram as dívidas que segundo Chateo Briam eram muitas. E começaram a luta pela terra, foi o período que surgiram muitos conflitos.

Em 1988 é reeleito a secretário geral, compondo a mesma chapa por mais três anos. Em 8 de dezembro de 1990 é eleito presidente do sindicato compondo a chapa juntamente com Antonio Moreira e o Raimundo Silva. Mas abdica do cargo após ser convocado a assumir a presidência da FETAEMA em 05 de agosto de 1991, vencendo com diferença de 14 votos, devido sua atuação de destaque no movimento em Bacabal. Ele foi convidado por Francisco Sales de Oliveira, ex-presidente da federação que estava na CONTAG e percebeu que a direção da federação no Maranhão estava levando o movimento para direção contrária, e ele confessa que só aceitou porque não conhecia, pois conta que teve muitas dificuldades de assumir este cargo. Em 1993 é eleito presidente do sindicato novamente, mas, dessa vez assume o cargo. No ano de 1996 é eleito como tesoureiro.

Ele nos relata que os anos 80 houve muitos conflitos e que se acirraram ainda mais após 86, na época que nasceu a UDR (União Democrática Ruralista) era uma organização dos fazendeiros de Bacabal, ligadas a Zé Vieira, composto por pessoas ligadas a SINCOL e outros fazendeiros e pecuaristas da região. Que eram inimigos do sindicato, e segundo conta autores de muitas ameaças recebidas e direcionadas aos integrantes e lideranças do movimento sindical que ele fazia parte e dirigia.

Sobre conflito da Aldeia ele conta que ao chegar nas proximidades do povoado, teve o carro alvejado por balas disparadas por pistoleiros da SINCOL de

Zé Vieira. Conta que sofria varias ameaças por telefonemas, e que vivia escondido neste período. Diz que escapou por pouco também do conflito da Luziânia, no período em que seu Raimundo Nonato Sousa foi morto no ano de 1990. Esteve envolvido também em outros conflitos buscando sempre estratégias atuação para resolução das questões. Como no caso do povoado quilombola Piratininga onde segundo ele o povoado em questão, foi ateado fogo nas casas, durante o seu mandato na diretoria. Ele conta que até, sua saída para FETAEMA erram muitos conflitos em todos os cantos de Bacabal. E que devido sua atuação no movimento durante mais ou menos dez anos de 1985 a 1995, ele vivia escondido, não saia de casa, a não ser dentro de um carro temendo por sua vida.

Participa em 1988 da criação novo estatuto dos sindicatos, após a promulgação da Constituição de 1988. Este estatuto foi elaborado pela confederação CONTAG, e organizações como a CPT, CARITAS.

Os conflitos se acirraram em Bacabal de 1985 a 2004. E conta que mataram o Raimundo da Luziânia ou Raimundo Nonato Silva, por conta da luta pela terra. Ele enfatiza que nesse período ele era procurado pra ser morto juntamente com Inaldo Nascimento e Raimundo Silva.

Chateo Briam participava ativamente da igreja Santa Terezinha e cita algumas pessoas que segundo ele foram indispensáveis no andamento do movimento sindical em Bacabal, dentre eles: Frei Hermano, responsável pela paróquia na qual ele já militava; frei Godofredo, através ACR, que auxiliava conseguindo financiamento bancário aos lavradores, também na organização da própria luta sindical e recursos pra resolver problema administrativo em 1985; Frei Eriberto, da São Francisco que emprestou dinheiro para comprar atual sede e depois ele relata que a direção composta por ele juntamente com o Inaldo Nascimento e os demais e tiveram que arcar com despesas de muitas coisas, do próprio bolso, pois o sindicato estava quebrado e cheio de dividas.

José Chateo Briam Costa Rego ainda reside em Bacabal, revela que ainda tem terreno no povoado São Benedito, e afirma ainda viver de suas roças, mas arrependesse profundamente, em não ter concluído seus estudos devido ao próprio movimento sindical, exigir o conhecimento intelectual, confessa que sente falta de ter tido mais instrução. Conta que em uma ocasião, tendo participado como dirigente estadual em um seminário internacional em Brasília, com pessoas de oito países, confessa ter passado por algumas situações de dificuldade, dentre outras

situações. No entanto faz uma ressalva e diz que em sua área é doutor, referindo-se a militância sindical e que ser sindicalista não é profissão enfatizando que sua profissão é trabalhador rural.

Declara não tem arrependimentos de sua vida militante apesar de relata que não teve infância, nem juventude, nem convivência familiar. Mas atribui ao movimento, tudo que ele tem hoje, e o que ele é como pessoa. Foi através do movimento que ele diz, ter tido condições de dar a sua família uma vida que não teve. Revela que devido seu engajamento no movimento sindical, acabou se afastando dos movimentos da igreja, mas que ainda é católico e frequenta quando pode. Durante sua passagem pela militância religiosa revela que foi coordenador do grupo de jovem da paróquia de Santa Terezinha, participou do grupo de jovens da diocese de Bacabal na juventude, fez parte da equipe de Diocese da ACR de Bacabal, da equipe municipal e também participou ao longo de sua trajetória de outro grupo social, a União Artística Operária Bacabalense.

Retomando sua trajetória militante no movimento sindical de trabalhadores rurais. Reelege-se novamente agora em 1999 como Secretário de Finanças, pois a desse momento o sindicato passa a ter cinco cargos. Posteriormente elege-se a Secretário de Formação e Organização Sindical, por mandato de quatro anos na FETAEMA em 2004 até 2007, elege-se a Secretário de Finanças em 2008 até 2011 na FETAEMA, e reelege-se em 2012 até 2015 na FETAEMA, e atualmente foi eleito para o mandato de 2016 a 2020 como Secretário de Formação e Organização Sindical da FETAEMA. Além disso, é primeiro suplente da confederação CONTAG em Brasília, foi indicado no último congresso a candidato em Brasília, mas, optou por ficar no Maranhão.

Nunca quis ingressar na carreira política, apesar de ter ajudado a fundar o partido PSB e ser filiado até hoje a ele, mas conta que foi convidado várias vezes. Numa desses convites aceitou e depois desistiu na convenção para ser candidato a vereador, pois acreditava que não dava para conciliar a vida sindical e carreira política partidária. Ele conta que em 2014 foi articulada sua candidatura a deputado Estadual, mas também desistiu, pois, como declarou o próprio partido PSB não dava as condições para investir na campanha.

Quando retornou a FETAEMA após longo período de preparação, conta que cenário político era outro, o governo era favorável aos trabalhadores e daí voltou para provar sua capacidade. Ele fala que quando começou sua carreira a militância

era diferente, era forte o movimento. Não era pelo retorno financeiro e que hoje se vive do movimento sindical.

Ele diz que a motivação para ingressar nessas organizações foi o grande sofrimento da sua infância. E compreendeu que para mudar de vida, tinha que lutar. E que foi através da igreja, que ele diz ter encontrado a salvação, “salvar da miséria, da fome, da perseguição” ele relata que tinha não tinha medo, e dizia que “era melhor a gente morrer lutando, que morrer com medo, vai morrer um dia”, na época passou por muita dificuldade, mas conseguiu vencer segundo relata.

3.2 Segundo caso: engajamento influenciado pelo pai

Inaldo Nascimento da Silva nasceu dia 14 de outubro de 1965 no povoado Novo Oriente no município de São Luiz Gonzaga, antigo Ipixuna onde seus avós maternos originários do Rio Grande do Norte, moravam e eram trabalhadores rurais. Seus pais também eram trabalhadores rurais, de uma família numerosa, com dez irmãos. Relata que quando tinha dois anos de idade sua família se muda para povoado Boa Vista da Tábua no município de Bacabal, onde residem até hoje e ainda trabalha na atividade rural três dos seus irmãos, os demais estudaram e se formaram ou seguiram outras profissões. Ele também tem pequeno lote, com seus plantios, algumas criações.

Nesta época seu pai Valter Vieira da Silva começou a dar aulas no povoado, a escola funcionava na igreja da comunidade, à luz da lâmpada no bujão de gás ou no lampião, apesar de ter apenas 2ª série do fundamental Inaldo declara que seu pai “era muito inteligente e bom de conta”. Portanto seu genitor foi seu alfabetizador e primeiro professor, não só dele, mas de muitos jovens adultos e crianças da comunidade. Sua mãe era alfabetizada, concluindo a 4ª série do ensino primário, foi dona de casa, teve 12 filhos, cuidava da casa, dos filhos, e era quem fazia a comida para os trabalhadores, que prestavam serviço para seu pai. Após o falecimento de sua mãe em 1991, seu pai casa novamente e constitui nova família.

Oriundo de família católica conta que frequentava sempre às missas da comunidade. Acredita também ter iniciado sua militância nas atividades pastorais da igreja católica, no entanto reafirma que sua aptidão para liderança ocorre dentro da família quando assume tantas responsabilidades. Posteriormente exerce atividade na coordenação em grupos de jovem, fundando em Boa Vista da Tábua o primeiro

grupo, ele conta que teve uma liderança dentro do grupo da igreja, participou de grupos da pastoral da família e ainda participa.

No período em que criou o grupo de jovens, se uniram para sanar algumas carências do povoado através das ações desempenhadas com apoio e orientação da igreja. Promoviam ações de caridade, ajudando pessoas doentes, promoviam eventos, bingos, rifas para arrecadar fundos para doar a pessoas que passavam por necessidade faziam mutirões para construção de casa de taipa (feita de barro, madeira e coberta de palha), ou até ajudavam a tampar as casas de barro, faziam doações de alimentos entre outras ações. Portanto exercendo sua primeira liderança em grupo de jovens da igreja. Ainda hoje participa de grupos pastorais da paróquia de São Francisco.

No ano de 1977 Inaldo, teve a oportunidade de estudar em Bacabal concluindo somente até a 8ª série do ensino fundamental, por conta de alguns problemas de saúde, depois voltou para interior e continuou ajudando seu pai na roça, para ajudar a criar seus irmãos. Foi diagnosticado com paralisia infantil, ficando com uma seqüela do seu lado esquerda, que afetou seu cérebro, ele sentia muitas dores de cabeça, e devido a isso o médico indicou que ele parasse de estudar e que seu pai não o forçasse muito.

Na época na década de 70 até os anos 80, devido escassez de recursos médicos da região e também financeiros para realizar tratamento em outros centros mais especializados. Seu pai acaba acatando a ordem do médico e trazendo Inaldo para o povoado Boa Vista da Tabua onde, apesar da doença, ele ajudava seu pai a trabalhar e administrar, uma usina de pilar arroz e uma “casa de farinha” onde faziam farinha de mandioca. Enquanto isso seus irmãos deram continuidade aos estudos no povoado e já no período de 1985, foram para Bacabal para estudar.

Inaldo ajudava na administração da usina, e na casa de farinha, e após seu pai ficar doente, ele assume todo negócio da família no interior com idade de 15 anos, seus irmãos estudavam e só auxiliavam durante as férias. Então desde muito cedo assume responsabilidade da sua família trabalhando com atividade rural, apesar do seu problema de saúde. E começa sua militância ainda muito jovem com 19 anos de idade, por intermédio de seu pai que no período de 1984 era delegado sindical do povoado. Nesta época Inaldo se associa no dia 2 de fevereiro de 1984 seu pai era também 1º suplente do sindicato, fazendo parte, portanto, da diretoria que foi suspensa por uma determinação do ministério do trabalho e devido à

conclamação dos trabalhadores insatisfeitos. Então ele assume interinamente a instituição com objetivo de convocar nova eleição. Indicando seu filho Inaldo Nascimento da Silva para compor um chapa que seria eleita posteriormente, nova mesa diretora da instituição, sendo eleitos são empossados em 15 de janeiro de 1985, Inaldo assume, portanto, o cargo de tesoureiro dessa entidade.

Até então Inaldo nunca tinha demonstrado interesse de participar do movimento sindical, pois achava não ter vocação, pois segundo ele “tinha que ter vocação”. Apesar de já frequentar as reuniões na associação, somente como membro, e conhecer um pouco do movimento por meio da atuação modesta de seu pai, não se sentia apto a exercer cargos no movimento. Mas seu pai era delegado sindical, e liderança comunitária, e no ano de 1985, o senhor Manoel Neris delegado do Ministério do Trabalho questionou seu amigo Valter, pai de Inaldo, sobre os possíveis nomes para concorrer à eleição. Então ele indicou Inaldo, por acreditar que à carreira sindical seria a chance que ele teria de crescer e desenvolver alguma atividade já que não pudera estudar como seus irmãos. Inclusive o senhor Manoel Neris foi até a casa de Inaldo, com os outros dois candidatos para convencê-lo a concorrer à eleição, pois ele não queria por ser muito jovem e acreditar que o movimento sindical era coisa de gente idosa. Além disso, ele tinha medo. Mas por obediência a seu pai acabou cedendo, concorrendo e sua chapa ganhando à eleição. Na época foi o único jovem no estado do Maranhão a assumir a direção de um sindicato, antes de completar 20 anos.

Assume o sindicato em pleno regime militar, segundo conta sofrendo muita repressão por parte da polícia, pois não era permitido criticar o governo, nem fazer manifestações em praça pública, ele confessa que se reunia em lugares escondidos para mobilizar os trabalhadores. Participando e intervindo ativamente na conciliação de muitos conflitos agrários no município de Bacabal, Lago da Pedra, Lago do Junco, São Luiz Gonzaga e Lago Verde, e em toda região do Mearim. Ele diz que nesse período o movimento sindical passava por uma crise muito grande, em todo Brasil, durante o regime militar, quando ninguém tinha coragem de assumir, nenhum cargo no movimento sindical, pois, era muito perigoso e havia muita repressão.

A partir de 1985, quando ele assumiu o cargo de tesoureiro na direção do sindicato, seus cinco irmãos mais novos vieram morar com ele, numa casa de seu pai em Bacabal, quando sua mãe faleceu em 1991, então ele sustentava com a

gratificação que recebia do sindicato. Ajudou a formar seus irmãos: um formado em letras, outros em pedagogia, uma em Enfermagem, um está cursando administração, um policial é em Pedagogia. Então eles conseguiram, e hoje estão vivendo por conta.

Casou com Francisca Sobrinho de Moraes em 14 de outubro de 1995, e em 1997 compra um terreno e vai morar no bairro, Santos Dumont. Em 2000 consegue adquirir sua casa própria, no centro, sente-se privilegiado por poder morar no centro, na Rua Nascimento de Moraes, próximo ao SESI, considerando que já foi do interior. Tem um filho 21 anos e uma filha de 16 anos, que são engajados na igreja, em coordenações de grupos de jovens.

Sofrendo fortes pressões no movimento sindical, no início teve medo, pensou muitas vezes desistir, chegou a chamar os diretores para abandonar o movimento, mas, foi convencido pelo senhor Raimundo Nonato Silva presidente do sindicato na época que lhe disse o seguinte: “à responsabilidade que assumimos é muito grande” e segundo relatou “estávamos ali porque as pessoas confiavam na gente” e precisavam do trabalho que eles desempenhavam no sindicato. A partir dali, ele conta que foi nutrido de uma coragem e mesmo tendo sido ameaçado de morte várias vezes não podiam sair por causa das ameaças. Isso não lhe desencorajou, pois ele tomou aquilo como uma responsabilidade, apesar das suas condições de saúde demandar cuidados.

Como tesoureiro, conduzia à parte financeira e burocrática da entidade sem dificuldades, devido os conhecimentos adquiridos com seu pai, declara não ter tido dificuldades, portanto é reeleito, à tesouraria com a mesma chapa. Quando entrou no movimento sindical, a igreja tinha uma influência muito forte, ele ressalta a atuação de Dom Pascásio Rettler, que na época era o bispo de Bacabal, e dava muito apoio a luta dos trabalhadores, financeiramente e também com o apoio da assessoria jurídica da igreja. Mas relata que nas comunidades os dirigentes da igreja e o delegado sindical, de uma forma geral não exerciam muita influencia no envolvimento sindical por medo de repressão.

Conta que de 1986 até 1992 houve muitos conflitos no município de Bacabal citando o conflito do povoado Luziânia, como mais marcante pelas mortes que ocorreram, enfatiza assassinato de Raimundo Nonato Sousa, seu compadre, que foi uma pessoa que incentivou muito o seu engajamento. Tendo sido uma das primeiras lideranças do sindicato, era muito importante no movimento sindical, conta

que Raimundo foi assassinado nas proximidades do cemitério do Axixá, no centro da cidade, por um pistoleiro, devido conflito de terra. Inaldo conta que após, sua morte, o governo do Estado interviu, comprou e doou as terras do povoado para a comunidade. Ele também discorre sobre a gravidade do conflito ocorrido na Aldeia do Odino onde foi morto senhor Manoel Quintino, no centro da cidade também por pistoleiros, e foram queimadas casas, houve tiroteios e assassinatos no povoado no ano de 1988.

Sobre o conflito da Aldeia recorda que na sua gestão, o sindicato conseguiu a desapropriação da área para às mais de 80 famílias que lá moravam. Assim como estes houver tantos outros conflitos daí ele cita: Comboio, Bom Princípio, Seco das Mulatas, em que o sindicato sempre estava presente. E no ano de 1991 Inaldo se afasta do sindicato para cuidar das coisas de seu pai em Boa Vista da Tábua, pois sua mãe fazia tratamento de câncer em Teresina PI e seu pai era quem acompanhava, ela acabou não resistindo. Inaldo passa 2 (dois) anos afastado do movimento. Retorna em 1993, e três anos depois disputa presidência do sindicato, quando retornou em 1993, já existiam entre 18 e 20 delegacias sindicais formando a liderança de base. Voltando ao seu terceiro mandato de tesoureiro, para em seguida no ano de 1996 no dia 08 de dezembro concorrer ao cargo de presidente e ser eleito.

Quando indicado pela primeira vez em 1996, para a presidência pela maioria dos trabalhadores, e a própria diretoria, afirma ter passado por um momento muito complicado, pois concorreu contra seu tio José Mago (irmão de sua falecida mãe) este sendo apoiado pelo pecuarista José Vieira Lins (o Zé Vieira), que havia sido eleito a prefeito de Bacabal em 1996, e segundo o que ele relata o prefeito eleito tinha interesse na manipulação da direção do sindicato de trabalhadores. Vale lembrar que ora citado prefeito foi desde sempre inimigo dos trabalhadores rurais, do sindicato e citado por todos os entrevistados nesta pesquisa como suposto mandante dos assassinatos ocorridos no povoado Aldeia do Odino e dos tiroteios e queima das casas em 1988. O próprio Inaldo alega ter sofrido atentados e ameaças por telefonemas por parte do grupo SINCOL e da UDR. Chegou há passar três dias sem poder sair do sindicato, onde levavam comida pra ele, porque sabiam que tinha pistoleiros contratados para matá-lo, no período de 1989 a 1990.

Em 01 de dezembro de 1999 Inaldo concorre a reeleição e ganha mais uma vez como presidente desta entidade. Neste período às coisas já estavam

menos perigosas. No movimento sindical, desde a redemocratização do país, apesar de ainda ser registrados conflitos, os maiores perigos já havia cessado. Seu pai que foi um dos maiores responsáveis por sua inserção na carreira sindical, temeu muitas vezes pela vida de Inaldo. Tentou tirá-lo, mas em ocasião de uma conversa com seu pai evidencia ter dito que: "já é tarde, eu não queria, mais agora tomei isso por opção, agora eu vou até o fim, até quando os trabalhadores me aceitar". Ele havia tomado gosto pela vida sindical.

Sempre desempenhou funções relacionadas à agricultura, tendo sido Coordenador Regional da FETAEMA por oito anos, representando a direção do sindicato, e mais 31 municípios. Foi também durante três anos, Secretário de Agricultura Municipal durante a Gestão do ex-prefeito Dr. Lisboa, no mandato de 2005 a 2008. E durante três anos e nove meses Secretário de Agricultura Abastecimento Pecuária e Pesca na gestão do ex-prefeito José Alberto Veloso de 2013 a 2016, relata que essas experiências lhe trouxeram grandes aprendizados. Participou de escolas de formação na CONTAG, a nível nacional, se tornou um educador popular. Já deu palestras em universidades, sobre a sua experiência no movimento. Na gestão do exercício de 2012 a 2015 foi suplente da Presidência da FETAEMA.

Ele conta que o município de Bacabal tem 23 áreas de assentamento por intervenção direta do sindicato e que esse processo se inicia em 1994, através do Crédito Fundiário chamado Programa Cédula da Terra (PCT) e, da diocese de Bacabal que também foi essencial no financiamento para compra de algumas áreas de assentamento. Ele participou de 1986 até mais ou menos 2011, da intermediação das áreas que o sindicato consegue para fins de assentamento: Aldeia, Luziânia, Alentejo, Sapucaíba, Dez Mil Res, Bela Vista, Fala Cantando, Sincorá, Seco da Mulata, Cajueiro, Povoado Vale do Mearim, Vila Bacabal, Vila Pantanal, Areal I, Areal I, Vila São Francisco, Vila Nova Esperança dentre outros.

Para ele sua maior conquista foi conquista da terra e famílias assentadas e de ter participado desse processo, sente-se realizado e pensa em terminar esse mandato e parar, tem orgulho do serviço prestado e por ter ajudado a construir o patrimônio do sindicato. Atualmente desempenha a função de secretário de finanças, mas atua como um conselheiro, porque ser o mais experiente dos diretores, e também ainda auxilia na consultoria de outros sindicatos, ministrando palestras inclusive.

Filiado ao PSB há 15 anos nunca se candidatou na política partidária, apesar de já ter sido convidado a candidatar-se diversas vezes, inclusive a vice-prefeito, mas não aceitou, pois, manifesta não ter vocação para política partidária. Esclarece que a motivação para filiação partidária se dá, pelo fato de pertencer a uma entidade de classe à qual representa uma ideologia e que sempre apoiam candidatos que amparam o movimento sindical.

Quando esteve à frente da secretaria de agricultura no governo de Dr. Lisboa, implantou a feirinha da agricultura familiar, implantou o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), e o PAA (Programa de Aquisição de Alimento) durante governo Lula, já no último governo em que atuou como secretário não conseguiu realizar muitas coisas, acredita que foi por falta de interesse municipal.

Ele diz que a principal problemática enfrentada pelo movimento é a produção agrícola, devido as semente cedida não serem apropriadas à região, falta de incentivo do governo, à permanência do agricultor no campo por falta de condições, mas revela que o que mais o assusta é a apatia do trabalhador quanto à luta pelo movimento sindical por temer a perda de direitos adquiridos com muita luta. Inaldo expressa que a militância atualmente é totalmente diferente, que o movimento está enfraquecido, fragmentado, os trabalhadores estão acomodados, isso perigoso para movimento segundo ele poucos tem coragem de ir pra rua se manifestar. Ele atribui essa apatia à melhoria de vida do trabalhador e do acesso à bens e serviços que o trabalhador rural não tinham no início do movimento, ele verifica um esfacelamento muito grande das categorias. E percebe que o movimento sindical hoje, “a maior parte das direções vive em funções de gratificação, é uma questão de sobrevivência, não é mais militante”.

Para ele, ser Militante é dá a vida pelo movimento, se doar, ir pra rua, sem medo de enfrentar a chuva o sol, à bala. Ser corajoso, manifestar-se, enfrentar as adversidades, criticar o governo se for preciso, fazer politica, e para ele essas características hoje são raríssimas no movimento. Ele manifesta que tiveram pessoas essenciais na sua inserção na militância dentre eles seu pai, Valter Vieira da Silva, Raimundo Nonato da Silva e para permanecer contou com apoio da esposa.

CONCLUSÃO

Neste trabalho se examinou o processo de inserção dos indivíduos na militância e as lógicas de seu engajamento, com objetivo principal de compreender como ocorre a adesão individual à ação coletiva no nível associativo no âmbito do STTR de Bacabal. Buscando entender os interesses, expectativas e espécies de retribuição simbólica e material nela implicados e reconstituir as diferentes fases e a natureza da carreira militante nessas entidades. O estudo também visou a apreensão das possibilidades e estratégias de ascensão dos militantes ao assumirem cargos de comando nas instituições e a motivação para entrada destes indivíduos neste universo de representação coletiva, para isso foram entrevistados 9 (nove) dirigentes e ex-dirigentes e ainda uma ex-funcionária que trabalhou no sindicato desde década de 1970, além da análise de uma série de materiais audiovisuais e bibliográficos cedidos pela instituição como registros fotográficos, atas e outros.

Fazendo uso destes desses recursos, buscamos entender as intersecções entre história individual e institucional, por meio da análise das condições de socialização, das redes de influenciadores, do universo relacional anterior e posterior à entrada no Sindicato e dos efeitos e avaliações subjetivas desse processo. Foi possível também reconstituir uma parcela da história da cidade de Bacabal e os intensos fluxos migratórios que foram responsáveis pela chegada de muitas gerações de trabalhadores rurais e inclusive das quais fazem parte os entrevistados nesta pesquisa, além de empreender a sistematização da história do sindicato de trabalhadores desta cidade. Além disso, pudemos registrar os fatos mais relevantes de sua história com base nos materiais coletados e na análise das entrevistas dos dirigentes e ex-dirigentes que participaram ativamente deste processo de emergência do movimento sindical e do contexto de conflitos no campo desde a década de 1970.

Esta apreciação permite compreender a partir da pesquisa realizada que através da análise das entrevistas, da observação das origens familiares e dos processos de socialização dos sujeitos, como ocorre à disposição ao engajamento militante. Foi possível verificar com base na literatura existente sobre o engajamento militante, a relevância das experiências adquiridas em outros movimentos. Durante as análises das trajetórias e da origem dos sujeitos envolvidos no movimento

sindical identifiquei que esses processos de socialização marcados por envolvimento em outros grupos ou redes de relacionamento foram fatores cruciais para seu engajamento e permanência no movimento sindical.

As entrevistas realizadas com os dirigentes e ex-dirigentes, nos permitiu observar aspectos interessantes quanto a proximidade da história do sindicato que é muitas vezes também a história de vida dos militantes. Outro aspecto identificado como relevante para a formação do caráter militante foi a adesão e participação em entidades religiosas; e em outros casos a influência exercida pelo exemplo de membros da família envolvido no movimento sindical.

Sobre a atuação decisiva da igreja católica na figura da Diocese de Bacabal e dos freis franciscanos na mobilização sindical verificamos que foi através da implantação das CEBs e da ACR, seguindo os moldes da teologia da libertação na difusão dessas organizações na cidade e que de acordo com entrevistados era fundamental no fomento ideológico do movimento e na promoção de ações e no apoio financeiro. Portanto, a partir deste elemento é possível identificar a importância das condições de socialização primária e secundária dos sujeitos investigados (SEIDL, 2009). É possível perceber ainda que o caminho traçado aqui configura êxito, pois evidencia a ideia inicial deste trabalho considerando as amostragens analisadas. Ou seja, o engajamento militante não ocorre tão somente ao acaso ou por mera vocação, mas esta devidamente relacionada a fatores de socialização como verificado.

O exame do universo analisado demonstrou alguns aspectos que merecem destaque, pois, se constatou que desde a infância os sujeitos foram direcionados a tomar certas responsabilidades e que estas ocorrências se dão em similaridade nos dois casos analisados. O fato de assumir as famílias, liderar grupos da igreja ou associações comunitárias, atuar como dirigentes ou celebrantes nas igrejas das comunidades em que viviam, exercer a função de professores de alfabetização, dentre outros constituem fatores determinantes para a posição assumida.

Estas atitudes desenvolvidas acabaram qualificando os sujeitos a adquirir o caráter de liderança dentro dos núcleos em que foram inseridos. Nos dois casos analisados se reconhecem algumas peculiaridades que caracterizam o militante: o assistencialismo, mobilização pelo coletivo, desenvolvimento de ações de

beneficiamento conjunto, atividades de professor, atuação e envolvimento em movimentos da igreja ou grupos como CEB's e ACR e outras.

Por fim, compreende-se que os processos de engajamento analisados permitem constatar que as inserções nos movimentos sindicais e na vida militante não ocorrem tão somente ao acaso. Se, por um lado, a pesquisa atesta o que vem sendo demonstrado em diversas pesquisas recentes quanto as motivações diversas que produzem o engajamento, por outro, demonstra o quanto no contexto examinado a Igreja e as redes familiares demarcam-se como principais influenciadores à participação política e de politização da vida social. Portanto, trata-se de um longo processo e de uma série de fatores que colaboram para a tal, como foi visto nesta pesquisa.

No entanto, o que aparece de novo neste estudo, merece empenho e pesquisa é o processo de desengajamento do qual fala os militantes investigados, pois, para eles os dois casos analisados e de forma geral todos os entrevistados identificam um esfacelamento das classes trabalhadoras, que têm tendência a enfraquecer o movimento e tende a colaborar para a perda de direitos da classe, devido à visível apatia dos trabalhadores e falta de interesse no movimento. Isso foi diagnosticado pela pesquisa como sendo principal problemática do movimento sindical na contemporaneidade. Isto que desperta interesse por entender as razões e lógicas que presidem ao desengajamento e à defecção militante, o que requisitaria uma outra pesquisa em fases posteriores.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Transformações econômicas e sociais no campo maranhense – Autonomia e mobilização política dos camponeses no Maranhão**. Vol.5, CPT-MA, São Luís, 1981.
- BRENNER, Ana Karina. **Do potencial à ação: o engajamento de jovens em partidos políticos. 2018**
- DA COSTA, Lamartine (ORG.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2006 3-2.44
- FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **CONSTRUÇÃO DO ELDORADO MARANHENSE: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim maranhense (1930-1970)**. 2015. Tese de **(Doutorado em Historia Social)** – Universidade Federal Fluminense.
- FILLIEULE, Olivier. **Carrière Militante**. In: FILLIEULE, Olivier.; MATHIEU, Lilian; PECHU, Cécile. *Dictionnaire des mouvements sociaux*. Paris: Presses de Science Po, 2009.
- FILLIEULE, Olivier. **Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel: Post Scriptum**. *Revue Française de Science Politique*, v. 51, n. 1-2, p. 199-215, 2001.
- GOIRAND, Camille. **Movimentos sociais na América Latina: elementos para uma abordagem comparada**. *Estud. hist. (Rio J.)* [online]. 2009, vol.22, n.44, pp.323-354.
- JESUS, Eugênio Sousa de. **CAMINHOS QUE LEVAM À MILITÂNCIA: Carreiras militantes e participação política na esfera associativa de Lago do Junco – MA**. 2017], UFMA.
- LIMA NETO, Evaristo José de. **O associativismo em área de babaçuais: a experiência de organização de trabalhadores rurais no município de Lago do Junco/MA associadas à ASSEMA**. 2007. Dissertação **(Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade)** - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- MATONTI , Frédérique; POUPEAU , Franck. **Le capital militant (1)**. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, p. 5-11, 2004.
- MORENO, Rosangela Carrilo; ALMEIDA, Ana Maria Furtado. **O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop**. *Revista Brasileira de Educação* v.14 nº 40 jan./abr. 2009.
- NERIS, Wheriston Silva. **Caminhos que levam a militância: politização da vida social e lógica do engajamento associativo no Médio Mearim maranhense**, Universidade Federal do Maranhão. Projeto de pesquisa (mimeo), 2015.

NERIS, Wheriston Silva. **Igreja e Missão: religiosos e ação política no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

OLIVEIRA, Raimundo Sergio de. **Bacabal de Sempre**. Bacabal, MA, 2003.

PETRARCA, Fernanda Rios. **Carreira profissional e ativismo social: as lógicas do engajamento na defesa de causas**. *Estud. sociol. Araraquara* v.21 nº40 p.99-116 jan.-jun. 2016

PETRARCA, Fernanda Rios; RIBEIRO, Maria Rita. **Carreiras militantes, redes de sociabilidade e formas de engajamento na luta contra a AIDS em Sergipe**. TOMO. N. 27 JUL/DEZ, 2015

SAWICKI, Frédéric; SIMÉANT, Johanna. **Inventário da Sociologia do Engajamento Militante. Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 13, nº 28, set./dez. 2011, p. 200-255.

SEIDL, Ernesto. **Disposições a militar e lógica de investimentos militantes**. *Proposições*, Campinas, v.20, nº 2 (59), p. 21-39, maio/ago. 2009.

SEIDL, Ernesto. **Engajamento e militância associativa em Sergipe**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião da ABA. GT Antropologia, Engajamento Militante e Participação Política. Porto Seguro/BA, de 01-04 de junho de 2008.

SILVA, Edson Sousa da. **A dinâmica do movimento pela educação e a luta pela terra no Médio Mearim**. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia). Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), 2015.

SILVA, Kelma de Jesus. **A experiência de lembrar a história de uma escola: “Jubileu de Ouro do Centro de Ensino Estado do Ceará”**. In: XII JORNADA DO HISTEDBR E X SEMINÁRIO DE DEZEMBRO, 2014, Caxias - MA. Anais. Caxias – MA: Centro de Estudos Superiores de Caxias, 2014. p. 2275 a 2285.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. **Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise**. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 21. Brasília, setembro - dezembro de 2016, pp 189-228.

ANEXOS

ENTREVISTA – ROTEIRO

1. ORIGENS SOCIAIS

1.1. O Sr. poderia descrever as suas origens familiares por parte paterna e materna (atividades) as quais se dedicavam seus antepassados, principais características dos ancestrais, origem étnica, município em que habitavam, participação política, etc.)?

1.2. Qual a sua idade?

1.3. O Sr. nasceu em qual município?

1.4. O Sr. mora em que bairro, distrito ou localidade do município?

1.5. Qual a principal profissão de seu pai?

1.6. Qual a principal profissão de sua mãe?

1.7. Qual o grau de escolarização do seu pai?

1.8 Qual o grau de escolarização e a profissão dos seus avós paternos e maternos?

1.8. Qual o grau de escolarização da sua mãe?

1.9. Quais as profissões que o Sr. já desempenhou?

1.10. Qual é o seu grau de escolarização?

1. 11. Em quais instituições de ensino o Sr. estudou?

1.12. O Sr. se identifica com alguma religião?

1.13. Em caso da resposta positiva: com que periodicidade frequenta os cultos, missas, rituais, etc.?

1.14. Algum membro da sua família exerce ou exerceu cargos políticos ou participou de organizações voluntárias ou militantes? em caso de resposta positiva, o Sr. poderia informar o nome dos parentes e o grau de parentesco?

ENGAJAMENTO E SOCIALIZAÇÃO POLÍTICA

2.1. O Sr. exerceu algum tipo de liderança (estudantil, sindical, associativa, religiosa, clubística, comunitária, etc.) ao longo de sua vida?

2.2 Poderia descrever como se deu a sua participação nesses espaços?

2.4 Com que idade você ingressou nessas organizações (anotar a cronologia)?

2.3 O que motivou o seu ingresso nessas organizações e espaços?

- 2.4 Quais as ações ou situações que você considera como mais decisivas para o seu engajamento?
- 2.5 No momento você encontra-se vinculado(a) a que organizações/movimentos sociais?
- 2.6 Você desempenha que funções nelas?
- 2.7 Qual a estrutura atual dessa organização (lideranças, diferentes posições)?
- 2.7 Atualmente, quais as ações desenvolvidas que você considera mais significativas no movimento em que você participa?
- 2.8 Em que medida essas ações se apresentam como iniciativas novas em comparação com o que se fazia até então no movimento?
- 2.9 Em seu movimento/organização vocês lutam contra o quê? Contra que opositores?
- 2.10 Você participa dessa organização em reuniões, protestos, mobilizações, etc., com que frequência?
- 2.10. Você já participou alguma vez de uma campanha política? De que maneira?
- 2.11. O Sr. já foi filiado a quais partidos políticos e em que períodos?

PERCEPÇÕES SUBJETIVAS

- Qual o papel do cidadão no cenário político atual?
- Quais são, em sua opinião, os principais problemas ou desafios enfrentados pelo seu movimento?
- Você se identifica com a maneira como esses desafios vêm sendo enfrentados?
- Como você avalia o seu próprio engajamento?
- Qual a finalidade pessoal do seu engajamento? Qual a razão?
- Como você se relaciona com os outros integrantes do movimento?
- O movimento recebe ou deveria receber o apoio de lideranças sociais e políticas? Quais?
- Quem são os principais apoiadores do movimento?
- Avaliando a sua história de vida e o seu engajamento em causas sociais, você poderia indicar três pessoas, experiências ou livros que foram determinantes para sua concepção sobre o papel do cidadão?

SILVA. Inaldo Nascimento da. **EDIÇÃO COMEMORATIVA, 30 Anos de história: da sua origem aos nossos dias**. Bacabal, 1999.

APRESENTAÇÃO

“Os registros que veremos a seguir, foram narrados procurando obedecer fielmente cada acontecimento, seguindo uma ordem cronológica. Numa linguagem de fácil compreensão procuramos mostrar a história da entidade desde a sua fundação aos nossos dias.

Destacando aos principais fatos que marcaram a existência do movimento sindical em nosso município, dando ênfase as eleições ocorridas nesse período de 30 anos, além das lutas, conquistas e conflitos que marcaram o dia a dia do trabalhador.

HISTÓRICO

O sindicato dos trabalhadores rurais de Bacabal fundado em 29 de novembro de 1970, foi reconhecido pelo MTPS em 23 de agosto de 1972, tendo se filiado a FETAEMA em 22 de janeiro de 1973, como matrícula no INSS nº 09. 011-0105/ 23 CNPJ 06.071.583/0001-28 reconhecido de utilidade publicada CONF. Nº 227 DE 25/05/1974 carta sindical nº 304840-72.

ORIGEM

A primeira reunião da entidade aconteceu num antigo salão onde antes funcionava um curtidor situada a Rua Rui Barbosa, nº 292 Centro de Bacabal Maranhão. Nesta reunião participaram 60 trabalhadores, elegendo-se uma diretoria provisória. Para presidir os trabalhos foi escolhido o Sr. Francisco Augusto Marques Garcia, que convidou para secretariar os trabalhos da mesa e lavrar a ata o Sr. Severo Lopes de Oliveira, e para escrutinador o Sr. José Cordeiro Mendes.

A primeira diretoria provisória foi eleita pelo mandato de dois anos, tendo como diretores efetivos: presidente o Sr. Manuel Nascimento de Jesus; secretário o Sr. Alcebíades Magalhães Menezes; tesoureiro o Sr. Luís Francisco de Sousa; suplentes o Sr. Manuel dos Santos Mendes, Sr. Jeová Amâncio Lopes e Raimundo Nonato Sousa; Conselho fiscal O Sr. José Cordeiro Mendes, Severo Lopes de Oliveira e Abdoral Cordeiro Mendes, suplentes o Sr. Daniel Rodrigues Oliveira,

Domingos Bezerra de Sousa, e Abdias Pereira da Cruz. Ainda neste primeiro momento foi discutido e aprovado o Estatuto Social do Sindicato, como também o valor das mensalidades a serem pagas pelos associados, ficando um preço estipulado e Cr\$ 2,00 (dois cruzeiros).

ACONTECIMENTOS

No dia 13 de dezembro de 1970, ocorreu a segunda reunião de assembleia com a participação de 35 associados, onde se discutiu a criação das delegacias sindicais.

No dia 10 de janeiro de 1971, o sindicato recebeu uma doação de Cr\$ 500,00 (quintos cruzeiros), feita pelo bispo da cidade de Bacabal na época Dom Pascásio, este dinheiro serviu, para ajudar, a compra de máquina escrever, sendo este o primeiro objeto que o sindicato comprou cujo valor Cr\$ 900,00 (novecentos cruzeiros).

Na reunião de 14 de março de 1971, contou-se com a participação do Deputado João Alberto de Sousa e do advogado Dr. José Bastos de Sousa primeiro defensor da entidade em nosso município.

Nesta decidiu-se ainda que as assembleias gerais deveriam acontecer no primeiro domingo de cada mês, na oportunidade aprovou-se também para se fazer a apresentação da primeira funcionária do sindicato Rosa de Araújo que a partir de então passaria a receber um salário de sessenta cruzeiros.

A primeira prestação de conta do sindicato ocorreu em dois de maio de 1971. Em junho do mesmo ano, realizou-se o primeiro curso de formação de formação de dirigentes sindicais.

Em primeiro de agosto de 1971, aprovou-se uma comissão volante para criação de delegacias sindicais no município, registrou-se também que na oportunidade o sindicato já dispunha de dois funcionários para a sede, além de estar implantado um programa junto ao projeto João de Barro para criação de escolas de alfabetização.

No dia 5 de setembro de 1971, foi discutida a compra de um automóvel e confirmado a criação a de duas escolas de alfabetização e de 22 delegacias sindicais.

No dia 5 de janeiro de 1972 foi programado o primeiro treinamento para delegados sindicais.

Em 29 do mesmo mês todos os funcionários foram afastados por não apresentar idade satisfatória.

Na pauta do dia discutiu-se a criação do primeiro convenio com ambulatório Madre Rosa, ficando acertado o atendimento de 4 consultas diárias.

Em abril de 1972, firmou-se um convenio com o FUNRURAL para atendimento dos trabalhadores rurais no Hospital Santa Teresinha nesta cidade.

Na reunião do dia 2 de abril de 1972 o presidente do sindicato o Sr. Manuel de Jesus Nascimento, confirmou a sua participação na reunião de fundação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Maranhão (FETAEMA).

Na assembleia do dia 5 de maio de 1972, contou-se coma participação do presidente eleito da FETAEMA, João Batista Araújo, nesta também se fez presente o Sr. Vicente Ferraz, primeiro contador do sindicato, que apresentou relatório referente ao primeiro ano de atividade da entidade.

Em assembleia realizada em 26 de agosto de 1972, houve com participação do delegado regional do Ministério do Trabalho: Fernando Cunha Lima, confirmando a aposentadoria dos trabalhadores rurais a partir dos 65 anos de idade.

Em 3 de setembro de 1972, houve a confirmação do reconhecimento do sindicato e pelo MTPS.

No dia 10 de setembro de 1972, discutiu-se a compra do imóvel onde o sindicato se encontrava instalado na época. O objetivo desta era a criação do hospital do sindicato, mas ficando acertado pelos sócios e dirigentes apenas a reforma do prédio para posterior instalação do ambulatório do sindicato.

Na data de 26 de setembro de 1972, foi confirmado o contrato de doação de um gabinete odontológico, para o sindicato, feito pelo FUNRURAL. Dirigido na época pelo Sr. Álvaro Baima Barbosa, ficando registrado a inauguração do referido gabinete para o dia 30 de setembro de 1972, apresentando também a primeira dentista Dr. Maria Catarina Taugi, ainda nesta data, o sindicato recebeu a carta sindical pelo MTPS.

Dia 5 de novembro de 1972, nesta assembleia discutiu-se a inauguração de um grupo escolar no povoado São José das Verdades, além da apresentação de nomes dos concorrentes para primeira eleição do sindicato através do voto secreto.

Em 3 de dezembro de 1972, foi confirmado a doação de material para a construção de um mini hospital pelo FUNRURAL para o sindicato.

Na data de 13 de dezembro de 1972, realizou-se a primeira eleição do sindicato através do voto direto e secreto, ficando assim constituída a diretoria. Presidente o Sr. Manuel Nascimento de Jesus, secretario o Sr. Alcebiades Magalhães Meneses, tesoureiro o Sr. José Feitosa Pinto, suplentes Manuel Viana de Abreu, Raimundo Nonato Sousa, Manuel Domingos de Aguiar, conselho fiscal o Sr. Bianor Barbosa Lula, Dalci Lopes de Sousa, Daniel Rodrigues de Oliveira, suplentes o Sr. João Elvidio Silva, Luís Cassiano de Oliveira, Francisco das Chagas Apoliano.

No dia 22 de outubro de 1973, é assinado o contrato de doação de instrumentos do consultório, que passaria a funcionar na Rua Oswaldo Cruz.

No dia 4 de novembro de 1973, o Sr. Manuel Nascimento de Jesus afasta-se do cargo de presidente do sindicato para assumir o cargo de secretário da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAEMA) assumindo, Alcebiades Magalhães Meneses até 1975.

Em 20 de novembro de 1973, o sindicato recebe a doação de uma ambulância pelo FUNRURAL.

Na data de 2 de dezembro de 1973, foi apresentado para alguns associados a Sr.^a. Josemar de Carvalho como enfermeira do sindicato.

No dia 7 de abril de 1974 o Dr. Jose Ricardo Barbosa foi apresentado aos associados como médico do ambulatório do sindicato.

Em 6 de outubro de 1974, discutiu-se em assembléia assuntos relacionados a questão de terras em São Benedito e COPEM.

Aconteceu em 30 de novembro de 1975, nova eleição do sindicato elegendo-se a seguinte diretoria. Presidente o Sr. Manuel Nascimento de Jesus, secretario o Sr. Jose Feitosa Pinto tesoureiro Jonas Rodrigues Amorim.

Em junho do ano de 1978, através de um convenio com MTPS, foi comprado um carro Jipe GEEP para o sindicato.

Em assembléia geral do dia 6 de agosto de 1978, o delegado sindical do povoado COPEM, Antonio Casseiro Sobrinho, afirma ter sido preso, sob alegação do delegado de se comportar como a agitador.

Em 26 de novembro de 1978, ficou assim definida a diretoria. Presidente Sr. José Feitosa Pinto, secretário o Sr. Jonas Rodrigues Amorim, Tesoureiro o Sr. Raimundo Nonato Sousa.

No ano de 1984, a justiça afasta do cargo todos os diretores daquela gestão por reivindicação dos associados, tendo assumido interinamente pelos suplentes: Valter Vieira da Silva, Antonio Alves Castro, Manuel Marçal de Sousa, que posteriormente coordenaram um novo processo de eleição realizada em 9 de dezembro de 1984, tendo como presidente o Sr. Raimundo Nonato Silva, secretário o Sr. José Chateo Brian Costa Rêgo e tesoureiro Inaldo Nascimento da Silva. Todos assumindo em 15 de janeiro de 1985.

Em assembléia a realizada no dia 6 de março de 1986, confirmasse demissão de seis funcionários da casa por razões financeiras.

Dia 6 de abril de 1986 durante a assembléia confirmasse um convênio parceria sindicato e MTPS, via Fundação Educar para criação de seis salas de aula, com trinta alunos cada, destacou-se ainda a criação de alguns projetos como: APCR- Projeto São Vicente para beneficiar algumas comunidades carentes.

Dia primeiro de maio de 1986 realizou-se um manifesto contra violência, onde pode se contar com a participação de vários sindicatos Urbanos.

Em reunião realizada em 1 de junho de 1986, discutiu-se a criação da UDR - União Democrática Ruralista, órgão de defesa dos grandes latifundiários no mesmo período foi criada a ASSUMEM, Associação dos Sindicatos Unidos do Médio Mearim, que tinha como objetivo maior combater a UDR.

Na assembléia do dia 7 de junho de 1987, discutiu-se a necessidade de se fazer um movimento pelos trabalhadores no sentido de mobilizar os deputados a criarem emendas constitucionais afim de assegurar o direito de Reforma Agrária no Brasil.

Os dias 25 e 28 de junho de 1987 foram marcados por um encontro de lavradores no povoado Aldeia.

Em 30 de junho de 1987, foi efetuada a compra da sede própria do sindicato, pelo valor de 300.000,00 cruzado, na época dirigido pelos senhores Raimundo Nonato Silva, José Chateo Brian Costa Rego e Inaldo Nascimento da Silva.

Em 6 de setembro de 1987, foi apresentado como advogado do sindicato o Sr. Benedito Martins Rios Neto, além da presença da Coordenadora do Projeto Nordeste nesta região, Conceição Marques.

Em 15 de novembro de 1987 realiza-se a primeira assembléia geral na sede própria do Sindicato, situada a Rua Magalhães de Almeida nº 820.

Nas eleições de 6 de dezembro de 1987, compõe-se a diretoria pelos seguintes membros: Presidente o Sr. Raimundo Nonato Silva, secretário Sr. José Chateo Brian Costa Rego, tesoureiro Sr. Inaldo Nascimento da Silva.

Em 22 de janeiro de 1988, morre vítima de assassinato por pistoleiros em plena via pública de Bacabal o Sr. Manuel Neco Pereira (Manuel Quintino) associado deste sindicato.

Em 14 de fevereiro de 1988 foram queimadas várias casas no povoado de Aldeia do Odino.

Em 6 de março de 1988, discute-se em assembléia a questão do associado Sr. Senhor Raimundo Grosso que havia entrado com uma ação judicial alegando exercer a função de vigia da entidade – ação descartada por se tratar de fato ilegítimo.

Registrasse em assembléia de 11 de dezembro de 1988, o falecimento do Sr. Francisco Marques de Sousa, membro da diretoria, vítima de acidente automobilístico.

Em assembléia de 5 de maio 1989, discute-se eleições presidenciais confirmando apoio sindical ao candidato Lula.

Em 3 de abril de 1990, morre vítima de assassinato por pistoleiros em via pública de Bacabal o trabalhador rural Raimundo Luziana.

Em assembléia de 17 de junho de 1990, discute-se e aprovasse a reformulação de vários artigos do estatuto do sindicato.

Nas eleições de 8 de dezembro de 1990 elegeu-se a seguinte diretoria: presidente Sr. José Chateo Brian Costa Rego, secretário Antonio Moreira Lima, e tesoureiro Raimundo Nonato Silva, sendo que no dia 5 agosto de 1991 o Sr. José Chateo Brian Costa Rego para assumir a direção da FETAEMA, recompondo-se a diretoria pelos membros: presidente o Sr. Antonio Moreira Lima secretário Raimundo Nonato Silva, e tesoureiro João Rosa de Araújo.

Confirma-se em assembléia de 26 de abril de 1992 o afastamento do Sr. Raimundo Nonato Silva do cargo de secretário, para concorrer a uma vaga na câmara municipal, assumindo no seu lugar a senhora Pureza Lopes Loiola.

Realiza-se em 25 de julho de 1992, dia do trabalhador rural um manifesto as políticas públicas implantadas pelo governo federal.

Em 10 de outubro de 1993, discute-se reforma estatutária ficando decidido que as próximas eleições do sindicato seriam convocadas e coordenadas por uma comissão eleitoral e pela diretoria do mesmo. Nas eleições de 11 de dezembro de 1993, compõe-se novamente a seguinte diretoria: presidente o Sr. José Chateo Brian Costa Rego, secretário Antonio Moreira Lima, e tesoureiro Sr. Inaldo Nascimento da Silva.

Conforme o art. 115 da lei 8.213, inciso V da lei de custódia da Previdência Social discute-se em 20 de fevereiro de 1994, o desconto de mensalidade de aposentados e pensionistas em banco.

Em 1996 o sindicato voltasse para o jovem rural realizando 03 Encontros Regionais de Jovens e o 1º Encontro Municipal de Mulheres Trabalhadoras Rurais, realizado de 11 a 13 de julho 1996.

Nas eleições de 8 de dezembro de 1996, elegeram-se os seguintes: presidente Inaldo Nascimento da Silva, o Secretário Manuel Anselmo da Silva Neto, e tesoureiro Sr. José Chateo Brian Costa Rego.

Em 19 de janeiro de 1997, discute-se e aprova-se o recadastramento dos associados.

Em 1 de dezembro de 1999 reelegesse para Presidente Inaldo Nascimento da Silva, Vice-Presidente Antonio Moreira Lima, Secretário Geral Juarez Rodrigues Silva, Secretário de Finanças José Chateo Brian Costa Rego, Secretário de Políticas Agrárias e Meio Ambiente Manuel Anselmo da Silva Neto.

Em 29 de abril de 2000 discutem-se mãos uma reforma no estatuto por orientação do 2º Congresso Extraordinário da CONTAG, realizado em outubro de 1999 em Brasília, segundo o qual previa a inclusão de pelo menos 30% de mulheres nas diretorias efetivas dos sindicatos.

CONFLITOS

O ano de 1980 é marcado pelo início do conflito em Fazenda Vitoria sendo a mesma desapropriada em 1982, tendo a participação direta do sindicato em favor dos trabalhadores.

Neste mesmo período, surgem novos conflitos em Piratininga e Bom Princípio onde novamente o sindicato intervém em favor dos trabalhadores obtendo assim a desapropriação das referidas áreas pleiteadas pelos trabalhadores.

Entre os anos de 1986 e 1988 surge um grande conflito, envolvendo o povoado de Aldeia o qual foi assistido de perto pelo sindicato.

Em 1990 surge mais um grande conflito desta vez em Luziana Bubu o qual só foi resolvido em 1992 sempre o sindicato esteve ao lado dos trabalhadores.

Entre os anos de 1990 a 1992 onde houve mais problemas de terra nas comunidades Sapucaiba e Gleba Alantejo sempre a participação do sindicato.”

Figura 1: Entrega da carta sindical STTR de Bacabal 1972. Pelo delegado do MTPS Fernando Cunha Lima ao presidente Manoel Nascimento de Jesus.



ENTREGA DA CARTA SINDICAL STTR BACABAL EM 1972
MTPS- Del. FERNANDO CUNHA LIMA
PRESIDENTE: MANOEL NASCIMENTO DE JESUS

Figura 2: ata de fundação do sindicato em 1970.

ATA DA FUNDACAO DO SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE BACABAL-MA.

Aos vinte e nove dias do mês de novembro de ano de mil /
 novecentos e setenta (1.970), às dez horas, na sede, à rua Rui Barbe-
 ma, nº 292, nesta cidade, Estado de Maranhão, reuniram-se de livre /
 vontade, com o fito especial de fundar um Sindicato de Trabalhadores
 Rurais, não terças da Legislação em vigor, as pessoas físicas cujos
 nomes, idades, estados civis e categorias profissionais, constam na
 Relação Nominal em anexo de noventa e seis (96) trabalhadores, res-
 dentes residentes neste Município. Foi aclamado como Diretor dos Traba-
 lhadores, o Sr. Francisco Augusto Marques Garcia que convideu para secre-
 tário e lavrar a presente Ata, a mim e a Assembléia indicou os //
 Srs. Severo Lopes de Oliveira e José Cordeiro Mendes para escrutina-
 dores, ficando assim constituída a Mesa, a seguir o Diretor dos Tra-
 balhadores, mandou proceder à leitura de Edital de Convocação para reco-
 nhecimento de todos os presentes, e passou-se à discussão do 1º item
 de ordem, qual seja, sobre a fundação do Sindicato dos Trabalhadores
 Rurais de Bacabal-Ma. Várias orações fizeram-se ouvir, todos eles //
 defendendo a tese da necessidade de se fundar o Sindicato, para de-
 fender os interesses da categoria, usufruindo dos direitos, assim co-
 mo submetendo-se aos deveres constantes da legislação sindical. Após
 muita discussão passou-se a votação da matéria, sendo-se verificada //
 a aprovação por unanimidade, da idéia de criação do Sindicato. Pote-
 riormente, sendo continuada a sessão, determinaram o Edital de Con-
 vocação, passou-se a discussão dos Estatutos Sociais, dos quais foi //
 procedida a leitura pelo Diretor da Mesa, na íntegra. Depois o Dire-
 tor esclareceu a cada qual os Estatutos Sociais da entidade, eram //
 ser lidos item por item, discutidos e após serem votados por escri-
 tina secreta. Após as discussões dos Artigos, os Estatutos foram //
 postos em votação e aprovados, por escrutínio secreta, por unanimi-
 dade. A seguir, o Diretor da Mesa, declarou então que era necesá-
 rio eleger uma Diretoria Provisória, de acordo com os Estatutos, e //
 para tal, suspendeu a sessão por trinta minutos, para tomar as pro-
 vidências necessárias e organização de chapa. Reabriu-se os traba-
 lhadores, procedeu-se a eleição por escrutínio secreta com o qual apure-
 -se o seguinte resultado:

Diretoria: Presidente: Manoel Nascimento de Jesus
 Secretária: Alcebíades Magalhães Nenezes, Tesoureiro: Luis Francisco
 de Sousa. Suplentes: Manoel dos Santos Mendes, José Amancio Lopes,
 Nazimundo Nazimundo de Sousa. Conselho Fiscal: José Cordeiro Mendes, Severo
 Lopes de Oliveira, Aderval Cordeiro Mendes. Suplentes: Social Redri-
 gues de Oliveira, Edmilson Bezerra de Sousa, Abdias Pereira da Cruz, //
 Srs. Severo Lopes de Oliveira, José Cordeiro Mendes, de geral libérra
 sendo que todos os eleitos são cidadãos brasileiros, de geral libérra
 e atende a exigências da Lei. O Diretor dos Trabalhos, declarou de-
 finitivamente fundado o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bacabal
 com sede em Bacabal, Estado de Maranhão. A seguir, passou-se a dis-
 cussão sobre a fixação da contribuição dos associados, e que, por //
 sugestão de Sr. Severo Lopes de Oliveira foi fixada a anualidade de
 R\$ 2,00 (dois cruzeiros) com a aprovação de todos os presentes. Em
 seguida a matéria constante da Ordem do Dia, o Presidente eleito de-
 clarou que seria solicitada ao MTPS, o reconhecimento do Sindicato //
 e para poder exercer a sua função, conforme Estatuto, legalmente, e
 para isso pediu autorização do Conselheiro que o atendeu, segue...

continuação:

gradeceu a todos os presentes, em nome dos eleitos, a confiança de-
 positada. A palavra foi franqueada aos presentes, e como ninguém se
 manifestasse, o Presidente declarou encerrados os trabalhos e para-
 onstar, lavrei a presente Ata que após lida e achada conforme, vai
 assinada pelos componentes da Mesa, bem como pela Diretoria eleita.

Bacabal, 29 de novembro de 1.970.

Manoel Nascimento de Jesus
 PRESIDENTE

Alcebíades Magalhães Nenezes
 SECRETÁRIO

Luís Francisco de Sousa
 TESOUREIRO

Figura 3: fotografia retirada em frente ao sindicato na Rua Rui Barbosa nº 292, em 1972 na entrega da carta sindical.



Figura 4: fotografia de turma em curso de educação sindical realizado em Vitorino Freire de 15 a 19 de setembro de 1972.



Figura 5: fotografia da ata de posse da diretoria de 1985 que assumiu após a suspensão da anterior.

71



Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bacabal

FUNDADO EM 29 DE NOVEMBRO DE 1970
Matricula no INPS 09-012.01.05/23 C.G.C. 06.071.583/000
Reconhecido pelo MTPS em 23 de Agosto de 1972
Reconhecido de Utilidade Pública conf. Lei N.º 227 de 25-04-75 Carta Sindical N.º 304840/72
Sede Provisória: Rua Rui Barbosa N.º 292 Telefone: 621-1659

Bacabal Maranhão

**ATA DE POSSE DOS NOVOS DIRETORES DO
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS
DE BACABAL-MA, REALIZADA EM 13 JANEI
RO DE 1985.**

Aos treze dias do mês de Janeiro do ano de mil "novecentos e oitenta e cinco na sede Social do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bacabal-Ma, cito a rua Rui Barbosa 292 nesta cidade "sobre a Presidência do Sr. Valter Vieira da Silva, contando com a presença de varias autoridades: Sra. Raimunda Ramos Loiola Prefeita Municipal, Sr. Ivan Representante da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Maranhão, Sr. Representante do Posto Regional do Trabalho Manoel Vieira Neres, Dr. José de Ribamar Redondo Pereira Chefe Senar, Pedro Matos Cutrim Representante da Camara Municipal, Marcelino de Jesus Representante do INPS, José Ribamar Ferreira Agente do IBGE, Presidentes de Sindicatos e Associações de Comerciantes, Arrumadores, construção civil, Pescadores e Peirantes, o Sr. Presidente Abreu abriu o trabalho e passou a a presidencia da mesa ao Sr. Manoel Vieira Neres que em seguida convidou as autoridades ja citada para fazerem parte da mesa, preenchida as formalidades de praxe, lido o art. 551 da CLT, o Sr. Presidente da mesa deu como possosados os Srs. Raimundo Nonato Silva Presidente, José Chateó Brian Costa Rêgo Secretario, Inaldo Nascimento da Silva Tesoureiro, Sendo os suplentes da diretoria efetiva os Srs. Nilo Malaquias da Silva, Geraldo Ximenes Melo e Francisco Marques de Sousa, Conselhos fiscais Efetivos Srs. João Alvidio Silva Raimundo Mendes da Nascimento e Deusdedit Pereira da Rocha, suplentes do Conselho fiscal os Srs. Pezre Pereira Silva, Milton Rufino Silva e Paulo Braga, assim sendo os Delegados Representante efetivos São os Srs Raimundo Nonato Silva e José Chateó Brian Costa Rêgo, suplentes dos delegados representantes Inaldo Nascimento da Silva e Nilo Malaquias da Silva, o Sr. Presidente recém-empossado, declarou que encontra-se feliz pela a confiança depositada dos companheiros e agradeceu a todos que o ajudaram nesta ardua luta direta ou indiretamente, prometeu luta em prol de todos e que vamos governar em conjunto, para melhor desempenho do seu cargo, o Sr. Presidente da mesa deixou a palavra franqueada para quem o quisessem fazer uso, da qual usaram os seguinte, Prefeita Municipal, Deputado Jurandir Lago, Representante da Fetaema, Chefe Senar e Representante de Sindicatos de classes, manifestou-se tambem um associado falando em nome de todos, assim para expressarem sua palavra de confiança e apoio ao novo presidente ora empossado, lembraram tambem de que apartir de agora devera lutar e reafirmar os direitos dos companheiros sofridos de nossa terra, voltando a palavra ao Sr. Manoel Vieira Neres, deixou franqueada aberta as portas do Posto Regional do Trabalho de Bacabal, a todos os trabalhadores rurais, dando em seguida encerrada a sessão, e para concluir deixou a palavra franqueada para quem quisesse fazer uso digno, lavrei a presente ata que vai por mim secretario e demais membros assinados.

Bacabal, 13 de Janeiro de 1985

Raimundo Nonato Silva
Raimundo Nonato Silva
PRESIDENTE

José Chateó Brian Costa Rêgo
José Chateó Brian Costa Rêgo
SECRETÁRIO

Inaldo Nascimento da Silva
Inaldo Nascimento Silva
TESOUREIRO